

José Quintino Cardoso Semedo

Enriquecimento do Léxico da Língua Caboverdiana –
variante de Santiago

Licenciatura em Estudos Caboverdianos e Portugueses

ISE, 2006

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS CABOVERDINA E PORTUGUESA

José Quintino Cardoso Semedo

Enriquecimento do Léxico da Língua Caboverdiana – variante de Santiago

Trabalho apresentado ao curso de Estudos
Caboverdianos e Portugueses, sob orientação do Dr.
Daniel Medina.

ISE, 2006

José Quintino Cardoso Semedo

Enriquecimento do Léxico da Língua Caboverdiana –
variante de Santiago

O Juri

Data _____ / _____ / _____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a toda a minha família:

- à memória do meu pai que sempre me apoiou nos estudos e que morreu com o desejo de me ver com um curso finalizado;
- à minha mãe que me apoiou nos momentos mais difíceis e que muito se esforçou para que eu pudesse realizar os meus estudos;
- aos meus irmãos que nunca deixaram de me ajudar, principalmente à Dulcelina Semedo;
- Dedico-o ainda a todos os meus professores, aos meus colegas do curso, à memória do Sr. Eduardo Costa pelo grande esforço feito para dinamizar a nossa turma e de Eduardo ... que nos deixaram com saudades e a todos os meus amigos.

II

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar ao meu orientador por ter aceitado ajudar-me a realizar este trabalho, apoiando-me sempre que fosse necessário, principalmente pela diligência com que trabalha e pela simpatia com que sempre se me dirigiu.

Agradeço ainda a todos aqueles que de alguma forma contribuíram com a sua ajuda para que este trabalho se realizasse, aos meus primeiros professores que me iniciaram nos estudos, de quem nunca mais me esqueço.

EPÍGRAFE

“O léxico de uma língua, conjunto de todas as suas palavras, é um sistema dinâmico, isto é, caracteriza-se pelo movimento: de fora para dentro, de dentro para fora e, ainda, dentro si mesmo. Esse movimento está na base da inovação lexical que, com frequência, gera insegurança ao utente da língua.

(...)

Uma das facetas em que a mudança linguística é mais evidente é o léxico. É através dele que denominamos a realidade que nos rodeia, é através dele que trazemos o mundo para a língua. Ora, se o nosso mundo se caracteriza, actualmente, pela evolução constante e, dir-se-ia, vertiginosa, é lógico que os léxicos das línguas que falamos, também eles têm que evoluir ao mesmo ritmo. Essa evolução traduz-se na incorporação de novas palavras – os neologismos –, bem como na queda em desuso de outras palavras – os arcaísmos, que passam a fazer parte de uma espécie de património lexical, reutilizado quando necessário, mas que carece de ser preservado em dicionários de língua ou em dicionários históricos.

Margarita Correia, *O Léxico em Movimento*

13-01-2003.

<http://ciberduvidas.sapo.pt/php/portugues.php>

RESUMO

A língua caboverdiana beneficia do carácter dinâmico como todas as línguas, o que faz com que ela varie ao longo do tempo, facto linguístico que abrange todos os seus subsistemas, principalmente o léxico, o mais sensível às mudanças intra e extralinguísticas, e que mais contribui para a sua actualização, ou seja, permite que a língua se adapte às novas situações, às mudanças que ocorrem na sociedade.

Esta mudança concretiza-se através da perda de alguns vocábulos e principalmente por meio da entrada de novas palavras, o que se faz através da criação de um novo vocábulo, utilizando elementos do próprio léxico, afixos e palavras, (derivação e composição) ou recorrendo à importação de vocábulos de uma língua estrangeira, e sua integração ou não no sistema da língua, o que resulta no enriquecimento da língua, neste caso a língua caboverdiana.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	14
1.1. O Arquipélago de Cabo Verde	14
1.2. Situação Geográfica do Arquipélago de Cabo Verde.....	14
1.3. A Ilha de Santiago	17
1.4. Breve História do Arquipélago de Cabo Verde	20
1.5. Génese e Evolução da Cultura Caboverdiana	24
CAPÍTULO II.....	28
2.1. A Formação dos Crioulos	28
2.2. Do Contacto entre as Línguas à Formação de Novas Línguas	28
2.3. Génese e Evolução da Língua Caboverdiana.....	35
CAPÍTULO III	43
3.1. O Léxico	43
3.2. Definição do Léxico	43
3.3. O Léxico da Língua Caboverdiana.....	45
3.4. Enriquecimento do Léxico.....	48
3.5. Enriquecimento do Léxico da Língua Caboverdiana (Variante de Santiago)	51
CONCLUSÃO.....	66
BIBLIOGRAFIA	68
ANEXO	Erro! Marcador não definido.

INTRODUÇÃO

O trabalho que se vai desenvolver constitui uma forma de cumprir as determinações do ISE (Instituto Superior de Educação) – realização de um trabalho de fim de curso, de carácter monográfico – para obtenção do grau de Licenciatura. Assim, foi escolhido o tema *Enriquecimento do Léxico da Língua Caboverdiana – variante de Santiago*, para o referido trabalho a ser materializado durante este ano lectivo.

Durante muitos anos, a língua caboverdiana não constituiu objecto de estudo para os investigadores. No entanto, a partir do século XX, principalmente nas últimas décadas, ela passou a beneficiar de uma atenção especial. Hoje, é possível encontrar informações escritas sobre a sua história (origem e evolução), descrições, livros didácticos para a sua aprendizagem, entre outros, devido à concorrência para a sua oficialização e valorização.

Torna-se, assim, indispensável elaborarem-se estudos acerca do seu léxico, não só no que concerne à proveniência das palavras que inicialmente concorreram para a formação deste código linguístico, mas principalmente, sobre o enriquecimento desse conjunto de vocábulos, porque, sendo a língua um sistema dinâmico, ela deixa de ser também fechada, está numa variação constante que atinge vários níveis, não ficando de lado o seu léxico.

Devido ao contacto que se estabelece entre as línguas, elas interinfluenciam-se, e sendo o léxico a parte mais vulnerável de uma língua, devido à facilidade de importação das palavras de uma língua para outra, é também a porta aberta para o enriquecimento de qualquer língua. Assim sendo, a língua caboverdiana não está isenta deste facto (enriquecimento) devido à formação de novos vocábulos e também pela importação de palavras de outras línguas. Por conseguinte, é de grande importância um estudo sobre a formação de palavras, a importação de palavras estrangeiras, e sobre os processos linguísticos que estão na base desse enriquecimento.

Há ainda a necessidade de serem feitos outros estudos em diversos níveis (morfológico, fonológico, sintáctico, lexicográfico, etc.) acerca da nossa língua, o que constitui um dos factos que motivaram o nosso estudo que tem por objecto o léxico da língua caboverdiana, mais concretamente o seu enriquecimento.

Tendo em conta o referido tema, vamos partir de algumas perguntas que vão constituir a base da nossa pesquisa: A língua caboverdiana (variante de Santiago) enriqueceu-se ou não ao longo do tempo? Que processos participaram neste enriquecimento? Quais as principais línguas de onde se importam os vocábulos? Que contextos motivam a entrada desses vocábulos?

É possível que esse enriquecimento se dê através de diversos processos intralinguísticos como a derivação, composição, etc., e processos extralinguísticos que ocorrem em contextos de contacto entre as línguas, porque a sociedade caboverdiana é considerada uma sociedade diglósica e um número significativo dos falantes da língua caboverdiana são bilingues, e do contacto entre as línguas resulta sempre a influência de cada uma sobre a outra.

É facto conhecido a convivência das línguas francesa, portuguesa, inglesa, entre outras com a nossa língua, o que faz com que se importem algumas palavras destas línguas para a nossa, assim podendo considerá-las estrangeirismos, empréstimos, conforme os processos por que se passam para se adaptarem ao sistema linguístico caboverdiano.

Há pouca bibliografia acerca da lexicologia da língua caboverdiana, bem como sobre o seu enriquecimento, mas pretendemos partir dos estudos feitos de uma maneira geral sobre esta língua, dos estudos linguísticos feitos sobre a lexicologia em geral.

O Estruturalismo entendia a língua como um sistema unitário e heterogéneo, e a variação e mudança como ameaças à língua. Assim, a língua era entendida como um sistema fechado, isento de variações e enriquecimentos. Porém, com o aparecimento da Sociolinguística, a partir da década de 60, esta teoria foi refutada através da afirmação de

que a língua é um sistema heterogéneo e que esta heterogeneidade intervém no processo da estruturação da língua e na competência de cada falante (Dante Lucchesi, 1998). Segundo Mário Vilela (1994), o léxico (do português) tem maiores possibilidades de se adaptar a situações novas: “câmbios semânticos, empréstimos e formação de palavras” (a partir de palavras ou elementos existentes na língua).

A língua caboverdiana também não está isenta desta heterogeneidade, encontrando-se sujeita a variações. O que Mário Vilela disse acerca do português pode ser aplicado à nossa língua.

O que se pretende com este trabalho é estudar os processos que participam no enriquecimento desta língua com a finalidade de os demonstrar aos que se interessam pelo seu estudo bem como àqueles que concorrem para que ela tenha um diferente estatuto social, e também enriquecer a bibliografia existente sobre esta língua, proporcionando a todos o conhecimento dos resultados do contacto entre as línguas em Cabo Verde, para a nossa língua, principalmente no que concerne aos novos vocábulos que os falantes da língua caboverdiana utilizam no seu quotidiano. Em suma, pretendemos alcançar os seguintes objectivos:

- Enriquecer a bibliografia sobre a língua caboverdiana;
- Descrever os processos de enriquecimento desta língua;
- Determinar o contexto que facilita a importação de palavras para a língua caboverdiana;
- Demonstrar as línguas de origem dessas palavras;
- Demonstrar os processos que ocorrem para que haja esta importação.

Para alcançar os objectivos preconizados, determinámos um conjunto de procedimentos que considerámos indispensáveis para a concepção deste trabalho.

O primeiro destes procedimentos é a pesquisa bibliográfica, o ponto de partida, que se concretizará, num período de seis meses, de Novembro de 2005 a Abril de 2006, como forma de encontrar e organizar as informações existentes que tenham alguma importância para o nosso trabalho, e a recolha de palavras, durante os meses de Dezembro de 2005 e Janeiro de 2006, através de consulta de dicionários que reúnem um número significativo de palavras, e conversa com os falantes (habitantes da cidade da Praia e do interior da ilha de Santiago) da língua caboverdiana – variante de Santiago – que a usam como meio de se relacionar com o próximo no seu dia-a-dia, para encontrarmos, nas falas desse grupo, um corpus – nosso material de trabalho – necessário para que se possa atingir as metas pretendidas.

A recolha far-se-á por meio da escrita. Tendo realizado esta primeira fase do trabalho, a recolha de informações e a colecta de dados, passaremos para a fase da análise dos materiais recolhidos para atingirmos, com objectividade, a meta preconizada.

Começaremos por abordar, de forma breve, um pouco sobre a história do arquipélago de Cabo Verde: geografia, cultura, principalmente no que concerne à sua génese e evolução, e, em particular, a origem e evolução da língua que serve de meio de comunicação para o povo deste arquipélago, incidindo principalmente sobre o léxico, sem antes falar um pouco dos crioulos, de forma generalizada, para melhor contextualizar a língua caboverdiana e, posteriormente, introduziremos o estudo do enriquecimento do seu léxico, determinando os processos que colaboram na concretização deste facto através de exemplos que vamos recolher, e da sua análise.

CAPÍTULO I

1.1. O Arquipélago de Cabo Verde

1.2. Situação Geográfica do Arquipélago de Cabo Verde

As 10 ilhas e cinco ilhéus que constituem o arquipélago de Cabo Verde encontram-se situados na parte oriental do Oceano Atlântico, a cerca de 6200 km do seu promontório que se situa no Senegal (figura 1 e 2). São todos de origem vulcânica, ocupando uma área de 4033 km², e agrupam-se em dois conjuntos – as que se situam mais a norte, ao grupo Barlavento (Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Boa Vista e os ilhéus Branco e Raso) e as que se situam ao sul do Arquipélago compõem o grupo Sotavento (Maio, Santiago, Fogo e Brava).

O Arquipélago foi incluído num conjunto de outros arquipélagos (Madeira, Açores, Canárias, e as Ilhas Selvagens) denominado Macaronésia devido às suas características naturais: a origem vulcânica, a fauna e a flora primitivas. Além dos traços atrás referidos, a insularidade, dispersão do território, o vulcanismo do relevo, entre outras características geológicas, aproximam esses arquipélagos e justificam a sua inclusão num mesmo grupo.¹

Assim, este conjunto de ilhas caracteriza-se pela insularidade, relevo vulcânico que chega a atingir altitudes elevadas nas ilhas que ocupam uma posição mais a Ocidente em relação ao continente africano. Apresenta uma variedade no que concerne à paisagem devido às diferenciações climáticas e à vegetação que resulta não só da altitude que, por sua

¹ SEMEDO, José Maria e TURANO, Maria R. *Cabo Verde: O Ritual das Festividades da Tabanka*, Spleen Edições.

vez não deixa de ser variável, mas também da posição de cada ilha em relação aos ventos predominantes no Arquipélago – os alísios.²

As ilhas situadas mais a Oriente – Sal, Boavista e Maio - são planas, não ultrapassando em nenhum caso a altitude de metros, são contornados por praias de grandes dimensões e, por isso são mais áridas, caracterizando-se pela grande acumulação de areias e pela pobreza na vegetação. Nelas destaca-se a existência de salinas naturais que, no passado, constituíram fontes de riqueza. Apesar disso, as ilhas do Sal e Boavista tiram grande vantagem das suas características devido às explorações turísticas e visitas por parte de turistas às suas praias, principalmente europeus. A fraca prática agrícola existente nessas ilhas deve-se à sua aridez. Porém, a criação de gado, principalmente caprino, nas ilhas do Maio e Boavista é uma fonte de recurso, bem como a riqueza na actividade piscatória, devido à fraca profundidade do mar.³

As que ocupam uma posição mais a ocidente, situadas a sul do arquipélago (Santiago, Fogo e Brava, têm uma variedade de relevo e menos percentagem de aridez, a chuva é mais frequente nessas ilhas. A ilha do Fogo, de forma cónica, é um aparelho vulcânico cujo ponto mais alto é um outro cone vulcânico com uma altitude de 2829 metros, de que se registam duas erupções mais frequentes, a primeira em 1955 e a segunda em Abril de 1995, a sua altitude e posição favorece a existência de um clima diferente bem como uma vegetação rica em espécies típicas da Macaronésia. Foi a segunda ilha a ser colonizada. Brava é a ilha que tem uma área de menor dimensão, depois de Santa Luzia, apresenta-se como uma montanha que emerge das profundidades do Atlântico, atingindo 976 metros de altitude. A ilha é contornada por encostas que anulam a possibilidade de existência de praias. É denominada ilha das flores devido à abundância vegetal que cobre as partes mais altas que estão quase sempre cobertas por nevoeiros.

As ilhas Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Santa Luzia e os ilhéus Branco e Raso apresentam uma estação húmida de menor duração, com excepção da primeira, a mais

² Idem

³ Idem

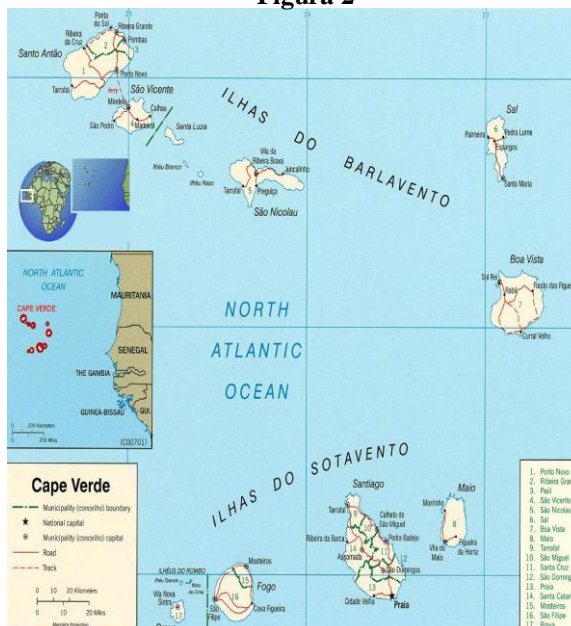
montanhosa, cuja altitude chega a atingir 1979 metros, favorece a existência de nascentes e ribeiras de água que possibilitam a prática de agricultura de regadio nos vales. São Vicente é uma das ilhas mais áridas cuja maior fonte de subsistência reside na sua grande baía formada a partir do desgaste provocado pelas invasões marítimas ao grande cone vulcânico que constitui a ilha, dando lugar ao maior porto de Cabo Verde, o Porto Grande. Apenas o ponto mais alto, o Monte Verde que atinge os 725 metros de altitude, contradiz o carácter árido da ilha. Esta ilha constituiu nos séculos XIX e XX um grande centro de desenvolvimento económico e cultural do país, devido ao desenvolvimento do Porto e à instituição do Liceu em 1917. São Nicolau, uma das mais montanhosas cujo ponto mais alto, Monte Gordo, atinge 1100 metros de altitude tem um clima agradável e uma posição central que favoreceram a fixação do Bispado entre os séculos XVIII e XIX. Foi o primeiro mais importante centro de formação do país, por causa da fundação do Seminário-Liceu em 1865, por isso, dela nasceram muitos intelectuais caboverdianos. Santa Luzia, a menor ilha, é a única que até aos nossos dias permaneceu despovoada por causa da inexistência de água, mas a única que, assim como os ilhéus Branco e Raso, conservou a ecologia (répteis e aves endémicas) que noutras ilhas foi devastada pela acção humana.⁴

Figura 1



Cabo Verde na Costa Ocidental da África

Figura 2



Arquipélago de Cabo Verde

(Disponíveis em www.geographicguide.com)

⁴ SEMEDO, José Maria e TURANO, Maria R. *Cabo Verde: O Ritual das Festividades da Tabanka*, Spleen Edições.

1.3. A Ilha de Santiago

Santiago situa-se entre os paralelos 15° 20' e 14° 50' de latitude norte e 23° 20' de longitude Oeste do meridiano de Greenwich, é a ilha que apresenta a maior extensão territorial, com uma área de 991 km², medindo 59,9 km de comprimento e 29 km de largura. Foi uma das primeiras a serem encontradas e a primeira colonizada devido à vantagem que a sua posição geográfica apresentava, bem como o seu relevo e a maior dimensão em relação às outras ilhas. Foi sempre o centro político do arquipélago, apesar da fixação do Governo em outras ilhas. Foi povoada com brancos europeus e escravos negros trazidos da África, possui maior número de população sendo a maioria constituída por negros.⁵

O clima tem a temperatura média anual de 25°C, com precipitação variável, e devido às condições do tempo em relação à agricultura, o ano divide-se em duas estações – a “d’as águas”, mais quente e mais pluviosa, que vai de Agosto a Novembro, e a “d’as brisas”, mais seca e fresca, que vai de Dezembro a Julho, com possibilidade de variações conforme a chegada das chuvas que podem ocorrer, muitas vezes, em Junho ou Julho. Com uma economia dependente da agricultura, a fraca precipitação condicionou a ilha, desde muito cedo, a crises que dizimavam grande parte da população e animais.⁶

Como as outras ilhas, é de origem vulcânica, com duas das maiores montanhas do arquipélago, o Monte Pico da Antónia que se eleva até 1392 metros, e a Serra da Malagueta que tem a altitude de 1063 metros. A ilha foi encontrada deserta, em 1460, quando os portugueses chegaram, e para a sua colonização foi necessário introduzir tudo, desde os homens (brancos europeus e negros africanos), animais, até as culturas alimentares de todos os continentes, por isso nasceu uma ilha crioula, devido ao cruzamento de raças diferentes, nasceu um homem novo, uma nova cultura.

A partir dela, saíram homens e produtos utilizados na colonização das outras ilhas e gados para o Brasil. Constituiu, no passado, um importante entreposto dos escravos, em

⁵ Amaral, Ilídio do. Santiago de Cabo Verde, A Terra e os Homens.

⁶ Idem

Ribeira Grande, então centro do arquipélago, prestigiada pela sua posição estratégica e pelas frequentes visitas das navegações, e por isso foi atacada, várias vezes, por piratas.

A exploração do solo começou a ser efectuada com a recolha do algodão, urzela e purgueira, e acentuou-se após a ruína da Ribeira Grande, com a cultura de milho, feijão e cana-de-açúcar através do trabalho escravo, o clima não permitiu a introdução de cereais europeus como na Madeira e nos Açores. Até hoje a história da ilha tem sido marcada pelas crises que devastaram a ilha, por causa da economia insustentável, assim a importação foi sempre superior à exportação que não passava da oferta do algodão, urzela e purgueira, o que originou um lento crescimento económico. Ainda hoje a actividade agrícola, criação de gado e a pesca constituem a base da subsistência da população.

A elevada percentagem de população faz com que se aumente o desemprego e a pobreza, e o recurso mais utilizado desde há muitos anos é a emigração, principalmente para a Europa, América e África, factor que ao lado de outras formas de abertura da ilha ao exterior, principalmente através dos meios de comunicação, contribui para a mudança cultural, resultado das influências externas que nunca deixaram de se exercer na nossa cultura.⁷

A ilha encontra-se administrativamente dividida em 9 concelhos – com uma diversidade de área - e 11 freguesias (figura 4), com uma população total de 234.940 habitantes (quadro nº 1). Nela situa-se as duas maiores cidades do país – Praia, a capital, e Assomada – em que reside uma grande parte da população total do arquipélago.

⁷ Idem

Figura 3



Ilha de Santiago – Disponível em WWW.CABOVERDE.COM

Figura 4



Divisão Administrativa da Ilha de Santiago – Cooperação Austríaca

Quadro nº 1

Os concelhos e as freguesias da Ilha de Santiago, e a respectiva população

Concelhos	Área Superficial em Km ²	Freguesias	Nº de População		
			Sexo Masculino	Sexo feminino	Total
Tarrafal	112,4	Santo Amaro Abade			
Santa Catarina	214,2	Santa Catarina	7904	9880	17784
São Miguel	90,7	São Miguel Arcanjo	18415	22242	40657
Santa Cruz	109,8	São Tiago Maior	11861	13323	25184
São Salvador do Mundo	28,7	São Salvador do Mundo	4148	5024	9172
São Lourenço dos Órgãos	39,5	São Lourenço dos Órgãos	3667	4114	7781
São Domingos	134,5	São Nicolau Tolentino	4187	4528	13305
		Nossa Senhora da Luz	4590	2214	
Praia	96,8	Nossa Senhora da Graça	47019	50286	97305
Ribeira Grande	164,4	São João Baptista	2169	2561	7713
		Santíssimo Nome de Jesus	1447	1536	

Censo 2000⁸

⁸ Dados recolhidos no INE, Cabo Verde – Recenseamento Geral da População e Habitação, Senso 2000, com actualização em 2005.

Como se pode constatar, de acordo com os dados apresentados no quadro 1, os concelhos da ilha de Santiago têm um alto nível populacional, maioritariamente feminina, ou seja, em todos eles, a população feminina sobrepõe à masculina. A população da ilha de Santiago corresponde a mais de metade da população do arquipélago, constituída por habitantes de todas as ilhas que se deslocam principalmente para a capital do país com diversas finalidades, desde a procura de melhores condições de vida até aos fins relacionados com a educação, a integração em instituições de ensino superior.

1.4. Breve História do Arquipélago de Cabo Verde

Achamento

Alguns historiadores afirmam que as ilhas de Cabo Verde já tinham sido conhecidas por povos africanos, navegadores gregos e cartógrafos árabes. É o caso de Jaime Cortesão que diz que os árabes já as conheciam desde a primeira metade do século XV e que apareceram desde 1413, no mapa-mundo de Macia de Viladestes e noutros que precederam a chegada dos portugueses. Embora se reclame que os portugueses são os primeiros a pisarem o solo das ilhas.⁹

A controvérsia não fica apenas pela questão que se refere à nacionalidade, mesmo entre os portugueses, não existe um acordo total no que concerne à identidade do descobridor das ilhas de Cabo Verde, mas historiadores como Senna Barcelos (1899), Orlando Ribeiro (1955) e António Brásio (1955) aceitam que as ilhas foram descobertas em duas expedições portuguesas: as primeiras cinco, do grupo ocidental (Sal, Boavista, Maio, Santiago e Fogo) foram encontradas em 1460, pelos navegadores António da Noli, que estava ao serviço do Infante D. Henrique, e Diogo Gomes numa viagem de regresso da terra dos Barbacins (Sereres) a Portugal; o resto que constitui o grupo ocidental (Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Brava e os ilhéus Branco e Raso) foi

⁹ ANDRADE, Elisa Silva. *As Ilhas de Cabo Verde da Descoberta à Independência Nacional*, Paris, L'Harmattan, 1996.

encontrado por Diogo Afonso, escudeiro do Infante D. Fernando que acompanhava António da Noli na viagem para o povoamento de Santiago.¹⁰

No entanto, Inácio Carvalho (1998)¹¹ afirma que o primeiro descobridor da ilha foi o veneziano Alvise de Cá da Mosto na sua segunda viagem à costa africana, ao serviço da coroa portuguesa.

Povoamento

Acredita-se que as ilhas do arquipélago eram desabitadas aquando da chegada dos portugueses,¹² refutando a ideia de que as ilhas já tinham sido visitadas por outros homens, bem como as inscrições rupestres encontradas nas ilhas de Santo Antão e São Nicolau. No entanto o historiador António Carreira considera a hipótese de a ilha de Santiago ter sido refúgio de náufragos jalofos ou outros habitantes de Cabo Verde (Senegal), antes da chegada dos portugueses. Carreira afirma ainda que estes povos não pensaram no povoamento da ilha. Muitos outros historiadores afirmaram a presença de povos em Santiago, nos anos anteriores a 1460, como por exemplo, João da Silva Feijó (1815), Conrado de Chelmicki (1841) António Pusish (1810) e Jaime Cortesão (1960). Todos referem-se a chegada dos negros (jalofos, lebus, felupes e senegaleses) uns como náufragos, outros na procura de riqueza. Porém, as ilhas não apresentavam todas as condições naturais para a constituição de uma população, facto que levou os portugueses a introduzirem culturas da África, Europa, Ásia e América.¹³

Como já se referiu, a primeira ilha a ser povoada foi Santiago, por António da Noli a quem foi doada a parte austral por D. Fernando que tinha recebido as ilhas por doação do monarca D. Afonso V. O colonizador chegou em 1462 com a família e portugueses

¹⁰ Idem

¹¹ CARVALHO, Inácio. *Introdução à História de Cabo Verde*, in *Descoberta das Ilhas de Cabo Verde*, AHN – Sépia Paris, Praia, 1998.

¹² Opinião da maior parte dos historiadores portugueses.

¹³ ANDRADE, Elisa Silva. *As Ilhas de Cabo Verde da Descoberta à Independência Nacional*, Paris, L'Harmattan, 1996.

(alentejanos e algarvios) e fixou-se na Ribeira Grande¹⁴ onde criou o primeiro grupo de população do arquipélago. Esta continuou insignificante até 1466, data em que o rei concedeu a carta dos privilégios que concedia aos colonos a liberdade de comércio e tráfico de escravos em quase todas as regiões da Guiné,¹⁵ facto que determinou a importação de escravos da Guiné como forma de recrutar a mão-de-obra para a agricultura e criação de gado. A partir da data acima referida, muitos escravos foram introduzidos em Cabo Verde. Começaram a colonização com os escravos trazidos da costa ocidental africana, pertencentes a diversas etnias – balantas, balofas, bambará, banhuns, beafadas, bijagós, brâmes, felupes, fulas, jalofo, mandingas, manjacos, papéis, quissis e outros que constituíram a base do povoamento para o arquipélago.

Os escravos eram trazidos de várias localidades, mas a principal componente vinha da actual Guiné-Bissau, segundo António Carreira (1978). Porém, nem todos eles eram escravos, alguns vinham voluntariamente, acompanhavam os capitães de navios, os comerciantes, outros vinham para serem cristianizados, havia mulheres que acompanhavam os lançados nos rios e depois vinham com eles, houve quem viesse para aprender português.¹⁶

Não se utilizaram apenas os negros no povoamento de Cabo Verde, vieram também os portugueses, principalmente madeirenses que constituíram uma grande percentagem de brancos que participaram nessa colonização, alguns nobres, os deportados políticos, principalmente a partir do século XIX. Destes, um grupo reduzido era constituído por mulheres, assim, estando distantes da metrópole, com dificuldades de comunicação, sentiram a falta de companheiras, e para a satisfação das necessidades sexuais, os brancos sentiram-se obrigados a unirem-se sexualmente às mulheres negras, facto importante na formação do povo caboverdiano, porque o resultado desta união foi a mestiçagem que atingiu uma grande percentagem da população. Por isso a autoridade metropolitana decidiu eliminar esta prática, como forma de acabar com a mestiçagem, enviando as deportadas

¹⁴ Ribeira grande é o primeiro nome da actual Cidade Velha.

¹⁵ Região que começava do Rio Senegal e estendia-se até à Serra Leoa.

¹⁶ ANDRADE, Elisa Silva. *As Ilhas de Cabo Verde da Descoberta à Independência Nacional*, Paris, L'Harmattan, 1996.

para as ilhas, mas vendo a importância do mestiço na penetração nas regiões africanas, deixaram esse propósito. Não apenas os portugueses faziam parte da componente branca, além destes, outros povos participaram no processo de mestiçagem, como espanhóis, franceses, ingleses, holandeses, nórdicos e japoneses. Também os judeus que se refugiaram em Cabo Verde aquando das perseguições em Portugal, a que vieram juntar outros vindos de Marrocos, participaram no processo de mestiçagem.¹⁷

Os mestiços apesar da sua cor diferente, da nova identidade cultural, continuaram, segundo Elisa Andrade (1996) com os costumes, língua e religião dos brancos como, até enviavam os filhos para continuarem os estudos em Portugal. Os primeiros escritores caboverdianos, os pré-claridosos, também continuaram com esta prática ao tentarem produzir obras autenticamente portuguesas.

Apesar da formação da identidade caboverdiana, continuou-se a viver sob o jugo do colonialismo português até ao século XX, em que os intelectuais, principalmente os literatos se consciencializaram da realidade em que se vivia e começaram a denunciar as condições de vida das pessoas. Esta denúncia tornou-se cada vez mais forte e em 1956 funda-se o PAIGC (Partido Africano da Independência de Guiné e Cabo Verde) que como o nome indica destinava-se à luta para o reconhecimento da autonomia das duas nações. A luta armada teve o início em 1959 e terminou na década de 70 com a morte de Amílcar Cabral e o reconhecimento da independência de Cabo Verde, a 5 de Julho de 1975, após a queda do fascismo português a 25 de Abril do ano anterior. Aristides Pereira foi eleito o Presidente da República e Pedro Verona Pires, o Primeiro-ministro.

Cerca de 5 anos depois, um golpe de estado protagonizado por Nino Vieira, a 14 de Novembro de 1980, separa Cabo Verde da Guiné Bissau, e no ano seguinte é fundado o PAICV (Partido Africano da Independência de Cabo Verde) que assume o governo do país sob o regime de partido único até à abertura política que se deu em 1990, e em 1991 são realizadas as primeiras eleições legislativas e presidenciais em que saem vencedores António Mascarenhas Monteiro, como Presidente da República e Carlos Veiga como

¹⁷ Idem

Primeiro-ministro. Em duas legislaturas, 10 anos, dirigem o país até a nova vitória do PAICV em 2001 e 2006.

1.5. Génese e Evolução da Cultura Caboverdiana

A sociedade caboverdiana formou-se através de um processo que depende de muitos factores: históricos (as circunstâncias do seu povoamento) geográficos (distância em relação ao Reino) sociais, económicos (as actividades e o desenvolvimento económicos) entre outros com destaque para o processo seguido no seu povoamento. Este é o factor que teve maior importância na génese da cultura deste arquipélago, que surge como uma das suas consequências.

Como atrás referimos, a colonização das ilhas, tendo sido iniciada pela ilha de Santiago por apresentar melhores condições, efectuou-se através da introdução de quase tudo, desde plantas, animais até os homens que foram trazidos de diversas regiões, principalmente da costa ocidental africana. Embora haja teses que afirmam o contacto do arquipélago com outros povos (jalofo, árabes e fenícios) antes da chegada dos portugueses que reivindicaram o seu descobrimento, e documentos que falam da presença de negros aquando da chegada dos presumidos descobridores – é o caso de um autor anónimo citado por Carreira (1985).¹⁸ Este, porém, como muitos outros autores, afirma o contrário, baseando no facto da inexistência de condições que proporcionasse a fixação prolongada do homem. Foram os portugueses que criaram essas condições, com a introdução de escravos negros de diversas etnias que apresentavam culturas diversas, cada um trazia o seu modo de vida, sua língua, religião, etc..

Também os brancos estiveram na origem do homem caboverdiano, principalmente os portugueses que protagonizaram a colonização, ao lado dos genoveses que os

¹⁸ CARREIRA, António. *Notícia Corográfica e Cronológica do Bispado de Cabo Verde – de 1784*, ICL, Praia, 1985.

acompanharam desde o descobrimento, e depois espanhóis entre outros que atrás mencionamos. Porém, os brancos vinham em número reduzido, devido à falta de interesse que era motivado pelo clima e falta de condições lucrativas. Foi a partir de 1466, com a carta de concessão de privilégios aos moradores de Santiago, que muitos brancos se fixaram no arquipélago para exercerem a actividade comercial na costa da Guiné. Este último substrato da sociedade caboverdiana, além de ser em número muito inferior ao outro, era constituído essencialmente por homens, era um grupo maioritariamente masculino, ou seja, havia falta de mulheres brancas no arquipélago, facto que fez com que os homens brancos arranjassem concubinas dentre as escravas negras¹⁹ para a satisfação dos seus desejos sexuais, e consequentemente o nascimento daquilo que viria a ser o homem caboverdiano – o mulato ou mestiço - fruto da miscigenação entre o elemento branco e o elemento negro. Esta miscigenação não ficou pela área biológica, estendeu-se a outros aspectos, principalmente cultural.

Apesar da separação do homem africano da sua terra, este não se desculturou, trouxe consigo um conjunto de aspectos culturais, não deixou de lado as suas práticas culturais, apesar da repressão que, segundo Elisa Andrade (1996)²⁰, os coloniais exerciam às manifestações culturais dos povos vindos da África, como forma de impor a sua própria cultura, desejo que, em muitos séculos, não conseguiram alcançar. Foram obrigados a assimilar a cultura europeia, desde a língua até a religião, a deixar a sua origem, mas isso não chegou a acontecer por causa da resistência negra, assim a miscigenação estendeu-se à cultura, o europeu foi influenciado pelos africanos e vice-versa, e o mulato, o novo tipo humano, nascido nas primeiras ilhas povoadas, encontrou uma cultura em formação que ele acabou por consolidar. Como ele, outros resultados da convivência entre brancos e negros tiveram origem, nasceu uma nova identidade cultural, fruto da confluência dos elementos africanos e elementos europeus, até uma nova língua teve origem e passou a ser o elo de ligação, forma de comunicação que se impôs às anteriores. A nova cultura que viria a impor-se como cultura caboverdiana, apresentava e ainda apresenta tanto elementos africanos

¹⁹ CARVALHO, Inácio. Introdução à História de Cabo Verde, in *Descoberta das Ilhas de Cabo Verde*, AHN – Sépia Paris, Praia, 1998.

²⁰ ANDRADE, Elisa Silva. As Ilhas de Cabo Verde da Descoberta à Independência Nacional, Paris, L'Harmattan, 1996.

(tabanca, batuque, certas crenças, jogo de uril, uso do pilão e da cabaça, o hábito de transportar as crianças às costas, tear, técnicas de cultivo, etc.) como elementos europeus (vestuário, habitação, organização das casas, a religião, entre outros).

Nenhum destes hábitos foram assimilados sem alterações, todos sofreram transformação, segundo Elisa Andrade, por exemplo as manifestações culturais das festas populares como o Colá-Sanjon, são resultantes da fusão de elementos africanos e de festas tradicionais portuguesas.

Como se pode ver, o mulato surgiu com a sua identidade própria, não podendo ser designado nem africano nem europeu, era o homem caboverdiano que em breve viria a impor-se na sociedade devido à sua ascensão social que resultaria do seu enriquecimento através da herança dos primogénitos que tinham pai branco e rico, e com ele impôs-se tudo o que nasceu nas ilhas.

As influências que se exerceram na cultura caboverdiana não deve ter ficado pela acção portuguesa e africana já que também como dissemos os espanhóis, franceses, ingleses, holandeses, nórdicos, japoneses e judeus também participaram, segundo Elisa Andrade, na génese da identidade cultural do homem crioulo, e Cabo Verde nunca se fechou ao estrangeiro nem o contrário aconteceu, porque nos séculos XVIII, XIX e XX, penosas fomes assolaram as ilhas, principalmente Santiago e Fogo, e duas eram as principais alternativas, morrer ou sair do país, assim iniciou o ciclo de remessas de emigrantes de Cabo Verde, primeiro para a África e depois para a Europa e América, o que constitui mais um factor de enriquecimento da cultura crioula através da importação de muitos aspectos culturais dos estrangeiros.

O desenvolvimento da rede dos meios de comunicação ao nível mundial e consequentemente no país condiciona uma abertura para a entrada de outros costumes, outros aspectos culturais, protagonizada pela camada juvenil, a mais vulnerável, que por imitação promovem enriquecimento (ou munanças?) na cultura do país – por exemplo o vestuário dito caboverdiano é hoje algo estranho para a maior parte dos caboverdianos, estes não se identificam através do vestuário que tende a aproximar-se cada vez mais do

padrão americano, é o resultado da globalização, a música, a língua caboverdiana também se enriquecem com a importação de traços estrangeiros bem como as outras manifestações culturais.

CAPÍTULO II

2.1. A Formação dos Crioulos

2.2. Do Contacto entre as Línguas à Formação de Novas Línguas

É consensual, hoje, entre os linguistas, que o sistema de qualquer língua é constituído por subsistemas que estão sujeitos a transformações, o que constitui uma característica inerente a qualquer língua, mas há um outro tipo de variação que resulta do contacto entre as línguas, cuja existência depende, segundo Maria Antónia Mota,²¹ de situações específicas como: a convivência de pelo menos duas línguas (como aconteceu na Espanha, Canadá, Suíça) ou diferentes dialectos da mesma língua (França, Portugal); implantação de minorias linguísticas e étnicas devido a razões como a emigração; subordinação a que muitos povos estiveram sujeitos durante o colonialismo europeu (línguas indígenas da África, América, e Ásia); contactos comerciais prolongados em que participam indivíduos com a sua língua de origem que se inserem num outro espaço linguístico (feitorias antigas).

Quando se dá um encontro entre duas ou mais línguas, as consequências que poderão advir desta situação são diversas. Os falantes podem querer preservar a sua língua de origem ao longo do tempo, o que resulta numa situação de diglossia ou até poliglossia, e especialização funcional de cada uma das línguas, mas isso não impede que haja mudanças em ambas, porque na transmissão da língua de uma geração a outra, cada uma vai exercer influências na gramática da outra, ou seja, o contacto condiciona a importação de traços específicos de uma para a outra. Pode ainda ocorrer a morte de uma língua, como aconteceu

²¹ MOTA, Maria Antónia. *Línguas em Contacto*, in FARIA, Isabel Hub et ali. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa, Editorial Caminho, 1996.

em África e América, o desenvolvimento de variantes de uma língua, como aconteceu com o português, no Brasil, ou ainda uma consequência especial, a criação de novas línguas como os crioulos e pidgins caracterizada, segundo Alan Baxter,²² por ser pouco gramaticalizado, dependendo a sua interpretação do contexto em que é utilizado o código. A sua gramática caracteriza-se pela simplificação e redução, o léxico é multifuncional, e a sua estrutura tem por base os traços universais de aquisição de uma primeira língua.

Na sua génese, segundo Mulhausler (1980), podem-se verificar três fases: pidgin inicial, pidgin estabilizado ou estável (*fase de desenvolvimento de um pidgin em que a fala holofrástica é substituída por frases com estrutura gramatical mais complexa*) e pidgin expandido (*fase de desenvolvimento de um pidgin cuja estrutura gramatical é semelhante em complexidade à de qualquer outra língua natural, mas que não tem ainda falantes nativos*)²³.

Segundo Antónia Mota (1996), a criouliização (*processo de formação de um crioulo por expansão e complexificação de um pidgin e que passa a ser a primeira língua de uma determinada comunidade*)²⁴ pode ocorrer em qualquer uma dessas fases: do pidgin inicial formou o crioulo inglês das índias ocidentais; do pidgin estabelecido originaram crioulos do norte da Austrália, e do expandido, pidgin inglês da África ocidental.

Acrescenta ainda em conformidade com Romaine (1988), que após a ocorrência do processo que acabamos de referir, a nova língua pode passar por quatro quadros diferentes: manutenção com poucas modificações, como aconteceu com o crioulo do Haiti; total extinção, como aconteceu com o negro-holandês; descriouliização (*processo pelo qual um crioulo em contacto com a língua de superstrato, desenvolve um contínuo de variedades de aproximação a essa língua*), facto verificado no crioulo de Cabo Verde, segundo Dulce Duarte (1998)²⁵; a partir daí pode também ocorrer um processo de recriouliização (*retroceso*

²² BAXTER, Alan. *Línguas Pidgin e Crioulas*, in FARIA, Isabel Hub et al. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa, Editorial Caminho, 1996.

²³ XAVIER, Maria Francisca e MATEUS, Maria Helena. *Dicionário de Termos Linguísticos*, Vol I, Edições Cosmos.

²⁴ Idem

²⁵ DUARTE, Dulce Almada. *Bilinguismo ou Diglossia*. Praia, Spleen Edições, 1998.

no processo de descrioulização para retomada de prestígio da língua crioula)²⁶, se aos falantes desta língua se juntarem falantes de outras línguas e se houver condições para que isso aconteça, foi o que aconteceu nas sociedades de plantações onde frequentemente se introduziam novos grupos de escravos.

As Línguas Crioulas

Não há consenso no que concerne à origem e definição do vocábulo “crioulo”, são várias as explicações apresentadas pelos estudiosos. Vamos apresentar algumas que encontramos em dicionários e outras que aparecem no trabalho de Maria Dulce Almada.²⁷

Leite de Vasconcelos²⁸ considera que em épocas passadas a palavra crioulo corresponde a *criatio* (criação) que designava os servos domésticos ou nascidos de outros servos, e que hoje designa os animais domésticos. Diz que tem origem na deformação da palavra criadouro, na boca dos pretos.

Carolina Micaëlis²⁹ não vai muito além da opinião de Leite de Vasconcelos, para ela o vocábulo provém de criar e designava animais domésticos e, a partir do século XVI, passou a designar os servos que nasciam e cresciam em casa do senhor.

O *Dicionário da Academia*, trata este vocábulo como originário a partir de “criar” e apresenta várias acepções, das quais destacamos duas: indivíduo descendente de europeus, nascido nas antigas colónias, principalmente na América; sistema linguístico que se origina a partir do contacto da língua de um povo colonizado com as línguas das populações autóctones, tornando-se língua materna de uma comunidade.

²⁶ XAVIER, Maria Francisca e MATEUS, Maria Helena. *Dicionário de Termos Linguísticos*, Vol I, Edições Cosmos.

²⁷ ALMADA, Maria Dulce Oliveira. Cabo Verde. Contribuição para o Estudo do Dialecto Falado no Arquipélago. J.I.U. Lisboa, 1961.

²⁸ Leite de Vasconcelos, *Antroponímia Portuguesa*, Lisboa, 1928.

²⁹ VASCONCELOS, Carolina Micaëlis de. *Lições de Filologia Portuguesa*, in *Revista de Portugal* (série Língua Portuguesa), vol. VI, Fevereiro de 1945.

Porém, Cândido Figueiredo inclui a palavra no seu dicionário significando o dialecto ultramarino que resultou a partir da adaptação de uma língua europeia na boca dos colonizados, quer africanos quer asiáticos.

Para Serafim Neto, crioulo é língua que resulta da simplificação que as línguas europeias sofreram na sua urgente aprendizagem pelos povos colonizados.

Maria Antónia Mota, partindo das informações apresentadas por Micaëlis e no Dicionário da Academia, assegura que o vocábulo crioulo deriva da extensão da palavra cria (de criar) e designava animal criado em casa e depois escravos nascidos numa colónia da América. Com o decorrer do tempo, passou a designar qualquer mestiço nascido em sociedades onde havia escravatura, e finalmente, línguas faladas pelos crioulos, nas zonas onde se deu a sua formação, como Caraíbas, África Ocidental, etc.³⁰

Alguns estudiosos viram o crioulo como o produto da má aprendizagem das línguas europeias pelos negros, porém não se deve deixar de pensar nas razões políticas, culturais e principalmente sociolinguísticas que estiveram na sua origem, é necessário não ignorar o contexto em que as línguas crioulas se emergiram: de acordo com Carreira,³¹ encontro de dois grupos de povos de culturas e línguas diferentes e desconhecidas entre si; o domínio do grupo menos evoluído culturalmente e seu afastamento das suas origens; a fixação e estabilização, por um longo período de tempo, dos dois grupos num território estranho; o contacto assíduo e prolongado entre si, e o facto de muitas vezes existirem várias etnias, cada uma com a sua língua, no seio do grupo dominado, durante o processo de colonização europeia. Tudo isso constitui um conjunto de razões suficientes para a formação e evolução de uma nova língua, é o contexto em que se formou a maior parte dos crioulos. Assim a língua portuguesa tinha que sofrer influências, era impossível não aparecer uma nova língua, já que havia a urgente necessidade de comunicar, entre os povos.

³⁰ MOTA, Maria Antónia. *Línguas em Contacto*, in FARIA, Isabel Hub et ali. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa, Editorial Caminho, 1996.

³¹ CARREIRA, António. *O Crioulo de Cabo Verde. Surto e Expansão*. Edição Autor / PEA, Lisboa, 1982.

Alan Baxter (1996)³², apresenta uma definição que para nós é mais consistente – o crioulo é uma língua nativa que nasce do encontro de duas ou mais línguas cujo resultado é aquisição de uma nova língua por parte de uma comunidade que se desvinculou das suas raízes culturais, da sua língua de origem, como nas colonizações europeias, na escravatura em que se encontraram povos de diversos grupos etnolinguísticos.

Derek Bickerton refere-se ao crioulo como o resultado da evolução de um sistema rudimentar de comunicação denominado pidgin.² No que se refere à formação dos crioulos, ele diz que uma forma de experimentação repetiu-se nos últimos quinhentos anos entre filhos de escravos e trabalhadores reduzidos a servos pelas potências europeias, e acrescenta ainda que

*“Estos obreros, llevados en barco de muchas partes del mundo para trabajar en plantaciones y tareas de recolección en África, en países costeros del océano Índico, en el Oriente, en la zona del Caribe y en las islas Hawai, se vieron obligados a comunicarse, dentro de su poliglota cominidad, por medio el rudimentario sistema de habla denominado “pidgin” [inglés macarrónico]. El “pidgin”, extremadamente pobre de sintaxis y de vocabulario, constituía la única lengua común en que podían entenderse los niños nacidos en la comunidad colonial. A partir de tan modestos orígenes fueron evolucionando entre la gente menuda nuevos lenguajes nativos que reciben el nombre genético de lenguas criollas.”*³³

Bickerton salienta aqui a necessidade de comunicação entre povos que decerto falavam línguas diferentes como o impulso para a formação do crioulo. Acerca disso, acrescenta ainda que *“Los trabajadores están traídos, al principio del África Occidental y, después, del África Oriental, de la India y del Oriente, y hablaban muchas lenguas mutuamente incomprensibles.”*³⁴ Pode-se ver, a partir das declarações de Bickerton, que o “Babel” que se vivia entre os povos, condicionou a formação da nova língua, como consequência do contacto entre as línguas.

³² BAXTER, Alan. *Línguas Pidgin e Crioulas*, in FARIA, Isabel Hub et ali. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa, Editorial Caminho, 1996.

³³ 1. BAXTER, Alan. *Línguas Pidgin e Crioulas*, in FARIA, Isabel Hub et ali. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa, Editorial Caminho, 1996.

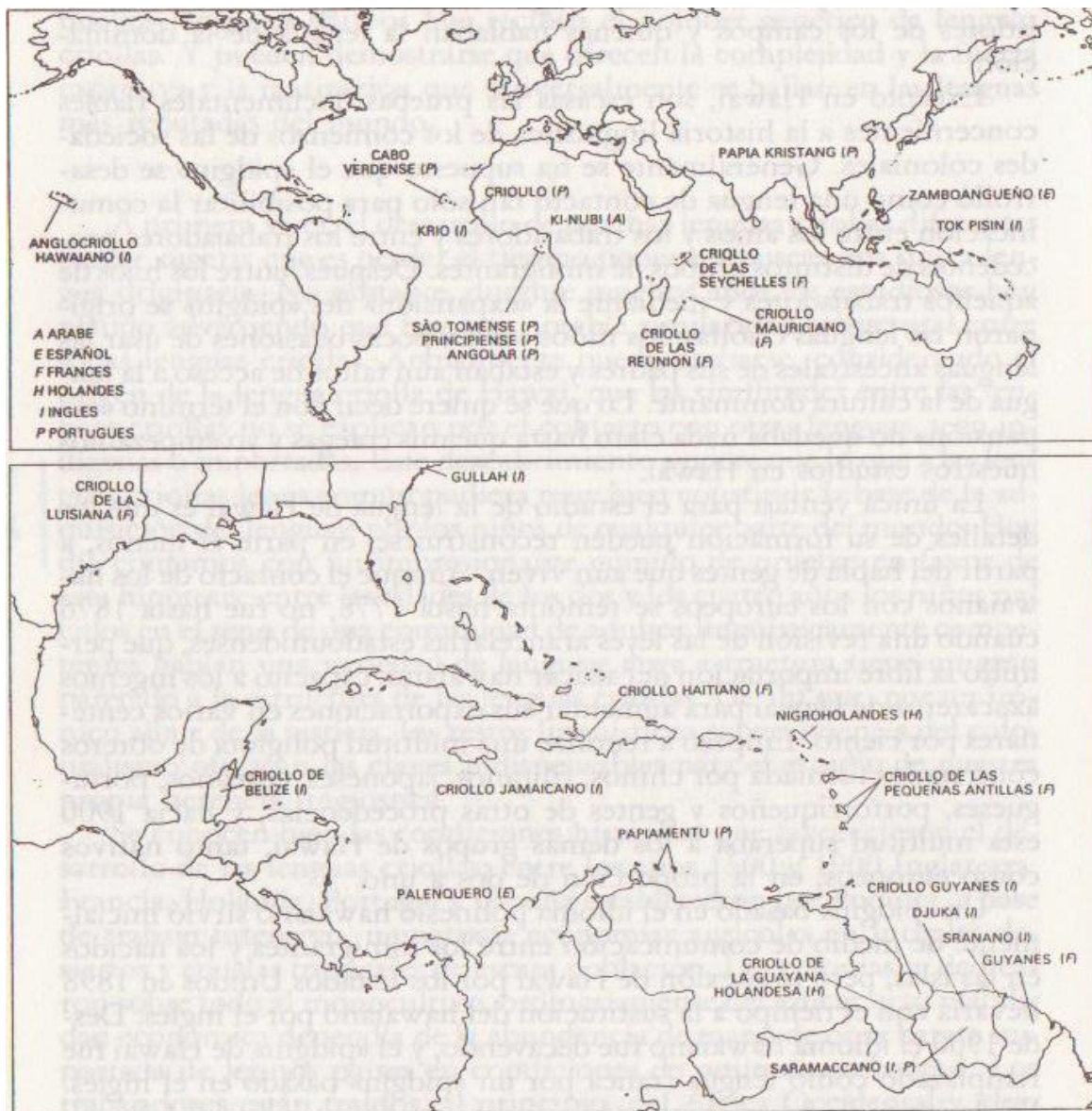
2. BICKERTON, Derek. *Lenguas criollas*, in *Lecturas de Lingüística*, Ediciones Cátedra, Madrid, 1989.

³⁴ 1. BAXTER, Alan. *Línguas Pidgin e Crioulas*, in FARIA, Isabel Hub et ali. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa, Editorial Caminho, 1996.

4. Idem

Em termos da situação geográfica da formação dos diversos crioulos, ele diz que todos se formaram em costas e ilhas tropicais (figura 3), onde os europeus estabeleceram economias à base de mão-de-obra barata.

Figura 3: Mapa extraído do capítulo XIV da obra *Lecturas de Lingüística*³⁵



Este contexto de relações entre o dominador e o dominado é também referido por Manuel Veiga³⁶, na sua obra *O crioulo de Cabo Verde, Introdução à Gramática*, ao referir

³⁵ BICKERTON, Derek. *Lenguas criollas*, in *Lecturas de Lingüística*, Ediciones Cátedra, Madrid, 1989.

à origem do crioulo de Cabo Verde, toma uma posição contrária à dos estudiosos como Taylor (1960) e Stewart (1962) que explicam as proximidades entre os crioulos como resultado do facto de estar na origem de todos eles um pidgin de base portuguesa, do século XV–XVI, que provinha de um outro pidgin que teve a sua origem no Mediterrâneo ocidental, tendo sido difundido a partir do século XVI pelos “lançados”. Veiga não aceita esta teoria classificada como monogenética por diversas razões³⁷. Baseando em estudos feitos por Félix Prudent, apresenta quatro outras, classificadas como poligenéticas: a eurogénese que explica a génese do crioulo como a simplificação da estrutura da língua europeia devido ao facto de a sua complexidade ultrapassar a capacidade analítica dos negros; a afrogénese que defende o contrário, centraliza a génese do crioulo nas línguas africanas; a neurogénese (teoria universalista) que, baseando na doutrina do inatismo (gramática inata) de Noan Chomsky e *bioprogram* de Bickerton, e estipulando a existência de universais linguísticos, defende a faculdade inata da linguagem.

Segundo Veiga, os estudiosos consideraram racistas estas três teorias pelo facto de serem unilateral. A última das quatro é a sociogénese que aproxima as três teorias, defendendo a génese do crioulo, na “interpenetração racial e cultural” dos povos cujo encontro permitiu a sua formação.

Quanto à forma como se originam, os estudiosos costumam dividir os crioulos em dois grupos designados línguas crioulas endógenas ou de fortaleza e línguas crioulas exógenas³⁸. O primeiro grupo é constituído por aqueles que têm origem numa sociedade formada a partir da penetração de um grupo numa área multilingue, entre populações culturalmente diferentes em que uma domina as outras, apesar de se continuar a falar as línguas indígenas (é o caso do crioulo da Malaca). Os crioulos exógenos ou de plantação são os que resultam da necessidade de comunicação que surge entre populações diferentes (sendo um grupo culturalmente inferior, dominado, e o outro, dominante). O grupo inferior

³⁶ VEIGA, Manuel. *O Crioulo de Cabo Verde. Introdução à Gramática*. ICLD, Praia, 1996

³⁷ Idem.

³⁸ BAXTER, Alan. *Línguas Pidgin e Crioulas*, in FARIA, Isabel Hub et ali. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa, Editorial Caminho, 1996.

deixa de falar a sua língua de origem, e nasce uma nova que vai servir de elo de comunicação entre os povos (são exemplos os crioulos de São Tomé, Cabo Verde, etc.).

2.3. Génese e Evolução da Língua Caboverdiana

Não se pode entender a origem e evolução da língua caboverdiana sem levar em conta o que referimos no capítulo anterior acerca da cultura deste arquipélago. O encontro de povos de cultura e línguas diferentes – neste caso os europeus e os africanos de diversas etnias, as condições em que viveram, que facilitaram a aculturação de ambos os grupos, determinaram a formação de uma nova língua.

Há uma controvérsia no que concerne à formação e expansão do crioulo de Cabo Verde: uns dizem que nasceu na Guiné e expandiu-se para Cabo Verde, outros afirmam o contrário, e há os que defendam o surgimento independente, nos dois espaços referidos, na mesma época, de acordo com António Carreira³⁹. Este autor refuta a primeira hipótese e, quanto à terceira, afirma que o branco não tinha a possibilidade de impor a mudança cultural, dificultado pela extensão territorial, impossibilidade de se fixar numa região e de impor a aprendizagem de uma língua, o contacto com os povos não passava de uma relação de comércio.

Considerando a segunda hipótese mais viável, ele afirma que o crioulo foi levado das ilhas de Cabo Verde onde teve a sua origem, pelos lançados⁴⁰ ou tangomanos que o utilizavam nos rios da Guiné, na formação das praças⁴¹ e presídios⁴², onde sofreu mudanças e enriqueceu-se na adaptação aos órgãos articulatórios dos indígenas e em contacto com as línguas mandinga e papel. Dulce Duarte⁴³ tem uma afirmação idêntica quando afirma que o

³⁹ CARREIRA, António. O Crioulo de Cabo Verde. Surto e Expansão. Edição Autor

⁴⁰ Negociantes transgressores das leis impostas pela Coroa portuguesa na Costa africana.

⁴¹ Populações fortificadas e armadas com permanência, e organizadas.

⁴² Pequenas praças, com escassos meios defensivos. Aglomerado de casas onde os degredados e delinquentes cumpriam as suas penas.

⁴³ DUARTE, Dulce Almada. *Bilinguismo ou Diglossia*. Praia, Spleen Edições, 1998.

crioulo teve origem na ilha de Santiago onde constituiu uma das primeiras manifestações culturais do povo africano.

O filólogo Baltazar Lopes da Silva tem a mesma posição quando afirma que

*“o crioulo da Guiné é, não uma criação resultante directamente do contacto do indígena com o português, mas sim o crioulo caboverdiano de sotavento levado pelos colonos idos do arquipélago e que, com o tempo, se foi diversificando e adquirindo caracteres próprios sob a influência das línguas nativas.”*⁴⁴

Dulce Duarte (1998) aceita esta hipótese, refutando a de Anthony Naro (1978), segundo a qual os crioulos de base lexical portuguesa formaram-se a partir de um pidgin que se tinha formado na Europa e fora posteriormente expandido para a África, o que significaria que o crioulo de Cabo Verde teve a sua formação a partir desse pidgin, afirma que *“todas as condições estavam reunidas para o surgimento de um crioulo nas ilhas de Cabo Verde, adere à ideia de Carreira, segundo a qual o crioulo formou-se nas ilhas a partir dos contactos entre os povos, do encontro de línguas diferentes (português e línguas africanas).*

Como expusemos atrás, as ilhas de Cabo Verde foram achadas desabitadas e receberam homens mandados pela coroa portuguesa a partir de 1462 (portugueses, genoveses, sevilhanos, castelhanos, etc.) alguns fidalgos, plebeus e degredados que se instalaram em Santiago e Fogo, com o dever de trazer escravos para povoar as ilhas e trabalhar as terras. Segundo António Carreira, mulheres brancas eram poucas. Em 1530, nas duas ilhas, havia 130 brancos, sendo apenas 4 mulheres solteiras e 32 negros, sendo dezasseis homens. Nestas circunstâncias, o branco tinha que se unir às mulheres negras, escravas ou as trazidas livres da costa de África, como forma de melhor sobreviver num meio estranho.⁴⁵

Carreira afirma que, desta forma, se criaram as condições para a miscigenação de sangue e culturas, a base da sociedade caboverdiana, como atrás dissemos.

⁴⁴ LOPES, Baltazar. *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde*. INCM, Lisboa, 1984.

⁴⁵ CARREIRA, António. *O Crioulo de Cabo Verde. Surto e Expansão*. Edição Autor / PEA, Lisboa, 1982.

De acordo com Dulce Almada Duarte,⁴⁶ na origem do crioulo, como produto do encontro de várias línguas, sendo uma, a europeia, domina as outras, africanas, estão razões de origem “sociolinguística e sociopolítica”, é o resultado da confluência do português com as línguas africanas, meio século após o início do povoamento do arquipélago. Admite a hipótese de não constituir, desde o início, uma língua que cumprisse todas as suas funções, era um proto-crioulo que surgiu para resolver o problema da intercompreensão que era indispensável entre os senhores e os escravos e entre o grupo dominado.

Este proto-crioulo que se formou antes do crioulo e cuja evolução resultou neste último, surgiu quando os escravos adoptaram o processo que qualquer um utilizou ao ser exposto a uma sociedade estranha, e forçado a aprender uma língua estrangeira, “*utilizaram os lexemas portugueses com a sintaxe das suas próprias línguas, mas numa perspectiva de autonomização*”.⁴⁷

Destaca o papel do Clero na educação dos negros que se estabeleceu através de um pidgin⁴⁸ de base portuguesa, e acrescenta:

*“Foi pois pela acção simultânea da catequese, da educação e da instrução: nas igrejas, nas casas grandes, e nas fazendas agrícolas, e pelo aprendizado de ofícios que se operou a formação da importante língua de comunicação verbal e social: o Crioulo – o elemento que tão cedo melhor definiu a identidade do povo caboverdiano.”*⁴⁹

Baseando em documentos escritos, afirma que já no século seguinte ao achamento e início do povoamento das ilhas, havia escravos africanos que se comunicavam através de um pidgin ou proto-crioulo com os europeus, e que serviam como intérpretes nas actividades comerciais entre os europeus e os povos africanos, nos rios da Guiné, o que salienta o facto de, muito cedo, ter-se formado uma forma de comunicação verbal como

⁴⁶ DURTE, Dulce Almada. *Bilinguismo ou Diglossia*. Praia, Spleen Edições, 1998.

⁴⁷ Idem

⁴⁸ CARREIRA, António. *O Crioulo de Cabo Verde. Surto e Expansão*. Edição Autor / PEA, Lisboa, 1982.

⁴⁹ DURTE, Dulce Almada. *Bilinguismo ou Diglossia*. Praia, Spleen Edições, 1998.

resultado da necessidade de comunicação que existia entre grupos de povos que se desconheciam cultural e linguisticamente, para facilitar o contacto entre si. É nestas condições, segundo Carreira (1983: 56), que se pode entender o surto e expansão do crioulo e a conservação de grande quantidade – a maior parte – de vocábulos portugueses que se usavam através de regras gramaticais mais próximas das línguas africanas. Acrescenta ainda que:

“O crioulo falado nas ilhas de Cabo Verde e na Guiné (a do século XIX), corresponde à língua de comunicação verbal baseada no português de Quinhentos, “nascida” no arquipélago; e posteriormente levada para as praças e presídios dos “rios da Guiné” pelos mestiços, filhos de homens brancos e de mulheres pretas...”⁵⁰

A expansão do crioulo deveu-se às relações que os santiaguenses mantiveram com outros povos, principalmente na costa ocidental africana, mesmo depois da perda do monopólio de Santiago. Este torna-se muito importante já que, estudiosos como Thompson⁵¹, afirmam que o crioulo de Cabo Verde está na origem de todos os crioulos devido à sua proximidade. Duarte, sem negar a posição de Thompson, afirma que pelo menos alguns crioulos de base lexical portuguesa devem-se à expansão do caboverdiano, ou seja, este está na sua origem, e na de Curaçau. As diferenças que hoje apresentam não são nada mais do que o resultado da evolução particular de cada um, no contacto com outras línguas.

Segundo o autor que atrás citamos, 95% das palavras do crioulo são adaptações dos vocábulos portugueses aos órgãos articulatórios dos africanos, durante as relações que permitiram a aculturação.

É indiscutível a presença do português como superstrato na formação do crioulo e um substrato africano, como afirma Duarte. Segundo Baltazar Lopes,⁵² as línguas de ramo mandinga foram as que tiveram maior predomínio na formação do crioulo, este autor aceita a presença das línguas africanas na formação do nosso crioulo, mas não deixa de limitar as suas influências, no que concerne ao léxico, quando afirma que:

⁵⁰ CARREIRA, António. *O Crioulo de Cabo Verde. Surto e Expansão*. Edição Autor / PEA, Lisboa, 1982.

⁵¹ DUARTE, Dulce Almada. *Bilinguismo ou Diglossia*. Praia, Spleen Edições, 1998.

⁵² LOPES, Baltazar. *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde*. INCM, Lisboa, 1984.

*“o léxico poderá trazer uma contribuição eficaz, apesar da pobreza do vocabulário possivelmente de origem africana quando confrontado com a percentagem do tesouro lexical em que a proveniência europeia não deixa dúvidas a ninguém.”*⁵³

O crioulo passou a ser visto por muitos como uma língua de carácter desprezível, *um ridículo crioulo*, segundo Pusich (1810), *idioma perverso, corrupto e imperfeito, sem construção nem gramática*, segundo Chelmicki & Vernhagen (1841), ambos citados por Carreira. Muitos outros seguiram a mesma linha na caracterização desta língua, mas houve também aqueles que a quiseram defender, como Pedro Cardoso (1933) que caracterizou o crioulo como o resultado da alteração fonética e morfológica que o português de quinhentos sofreu, em contacto com as línguas dos africanos.⁵⁴

Carreira diz ainda que em 1921, foi proibida a utilização do crioulo nas repartições públicas, mas não se conseguiu evitar a sua propagação como a primeira língua dos que nasciam no arquipélago.

Sendo de carácter dinâmico como todas as línguas e sem nunca deixar de estabelecer contactos com outras línguas, principalmente o português que até hoje conservou o lugar de prestígio que tinha ganho desde os primeiros tempos, assim o crioulo passou por diversas fases durante a sua evolução que permanece em continuidade. É facto conhecido, hoje, a variação que a língua caboverdiana apresenta em cada ilha.

Nota-se a grande diferença entre um falante de São Vicente e um de Santiago, por exemplo quando, querendo pronunciar frases como “ Eu estava a pensar na festa” e “Vou à escola”, cuja realização pelos falantes santiaguenses seria “N sa ta pensaba na festa” e “N sa ta ba skola, e pelos falantes sanvicentinos, seria “N tava ta kemê” e “N ti ta ba skola”, e dentro de cada ilha, encontram-se também variantes da língua caboverdiana. Por exemplo, a sua realização pelos falantes da cidade da Praia não é a mesma que a dos que sempre viveram no interior da ilha, ou seja, há uma grande variedade diatópica.

⁵³ Idem

⁵⁴ CARREIRA, António. *O Crioulo de Cabo Verde. Surto e Expansão*. Edição Autor / PEA, Lisboa, 1982.

Assim, Baltazar Lopes da Silva⁵⁵ divide o crioulo de Cabo Verde em dois grandes grupos: o de Barlavento (falado em São Antão, São Vicente, São Nicolau, Sal e Boa Vista) e o de Sotavento, (falado nas ilhas de Maio, Santiago, Fogo e Brava). Cada um dos grupos apresenta traços característicos que o diferencia do outro. Para exemplificar citando o autor, vamos apresentar dois exemplos:

“Manutenção do “á” tónico do português em palavras paroxítonas terminadas no reinol em “o” (pato, caso), enquanto em Barlavento o “á” se encontra representado, na mesma situação fonética, por “ó” ou “a” velarizado. (...) Em Sotavento (Santiago), o recuo do acento tónico de dissílabos oxítonos para a penúltima sílaba (por exemplo “fica” por “ficâ”, “perde” por “perdê”...”⁵⁶

São muitas as diferenças que se faz sentir entre estes dois grupos dialectais, mas não as podemos apresentar todas, porque não fazem parte dos objectivos que pretendemos com este trabalho.

A variação do crioulo processa-se em áreas diferentes e de formas diferentes. O autor que acabamos de citar diz ainda que o contacto entre Cabo Verde e o exterior, principalmente entre o crioulo e o português, como atrás referimos, continuou-se, e resultou num enriquecimento do crioulo, principalmente nos níveis fonético e lexical, facto que se intensificou com a expansão do ensino e da leitura, e aproxima cada vez mais o crioulo do português, é o que os linguistas chamam de descrioulização, processo linguístico a que Dulce Duarte referiu, ao falar da evolução do crioulo de Cabo Verde na sua obra *Bilinguismo ou Diglossia*², refere à grande aproximação do crioulo em relação ao português, principalmente na boca das pessoas mais escolarizadas:

“...a tendência cada vez mais acentuada para a aproximação da estrutura do português a partir do século XIX é uma factura que o crioulo teria que pagar ao desenvolvimento do ensino em Português em Cabo Verde.”

⁵⁵ LOPES, Baltazar. *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde*. INCM, Lisboa, 1984.

⁵⁶ DUARTE, Dulce Almada. *Bilinguismo ou Diglossia*. Praia, Spleen Edições, 1998.

A título de exemplo deste facto, podemos verificar no discurso de um falante bem escolarizado, estudantes do ensino superior, frases que salientam uma grande interferência do português na estrutura do crioulo, como:

“*Acho ki kel musika li e agradável.*” Ou “*N ta pensa ki nhos ka debi bai.*” que correspondem em português às frases: “*Acho que esta música é agradável.*” e “*Penso que não devem ir.*”

Esta aproximação condicionou o crioulo a um afastamento do substrato africano e à perda da sua identidade, como diz a mesma autora, esta língua caminha no sentido de se transformar em um dialecto português. É principalmente através do léxico que se pode notar um grande afastamento dos elementos africanos, a substituição dos vocábulos de origem africanas por outros que provêm do português. É o caso de palavras como *fepu*, *locoti*, *monhorgi*, *nheme*, *soti*, *txuki*, etc., que fazem parte do crioulo de Santiago, e que estão a entrar em desuso.

Dulce Duarte defende uma reaproximação do crioulo às suas origens, um processo de descrioulização, partindo da *forma basilectal da língua*. Para ela, só a normalização do crioulo pode por o fim a esta descrioulização:

“É obvio que só a normalização poderá disciplinar a língua caboverdiana, provocar uma neo-crioulização, na qual a enunciação e os enunciados obedeçam ao código fonológico, morfo-sintáctico, semântico, e mesmo, estilístico do crioulo, desenvolver as suas funções metalinguísticas, criar um crioulo comum, enriquecido pelo vocabulário específico e pelas expressões e construções típicas.”⁵⁷

A língua caboverdiana, desde a sua origem, a partir de um pidgin, evoluiu ao longo de tempo, mas nunca conseguiu superar o português que, desde o início, ganhou um lugar de prestígio. Contudo o crioulo vem ganhando cada vez mais valor no seio dos estudiosos e dos seus defensores, assim apareceram, a partir do século XIX, obras escritas acerca do mesmo.

⁵⁷ DUARTE, Dulce Almada. *Bilinguismo ou Diglossia*. Praia, Spleen Edições, 1998.

Já no século XX, ao lado do português, o crioulo começa a ser utilizado na literatura por autores como Eugénio Tavares, Pedro Cardoso, Ovídio Martins, Tomé Varela, etc., que defenderam a língua materna do povo caboverdiano. Publicaram-se estudos sobre esta língua, dos quais podemos destacar os de: Pedro Cardoso, *Noções Elementares de Gramática – Fonética, Morfologia e Sintaxe* (1933); Baltazar Lopes da Silva, *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde* (1957); Maria Dulce Oliveira Almada, *Contribuição para o Estudo do Dialecto Falado no Arquipélago* (1961); Manuel Veiga, *Diskrison Strutural di lingua Kabuverdianu* (1982); Dulce Duarte, *Bilinguismo ou Diglossia* (1998), etc.

A partir da independência nacional, realizaram-se grandes eventos, como forma de instrumentalizar o crioulo, como o colóquio sobre “*A Problemática do Estado e Valorização do Crioulo*” de que resultou o alfabeto de base fonológica, que teve lugar em 1979, em Mindelo; criou-se a Comissão Nacional para a Língua Caboverdiana, em 1989.

A escrita do crioulo, durante muito tempo não foi unitária, uns escreviam baseando no alfabeto português (base etimológico), outros baseando na proposta de 1979 (base fonológica). Em 1993, criou-se a *Comissão Nacional para Padronização do Alfabeto* que em seis meses apresentou ao Governo o ALUPEC (Alfabeto Unificado para a Escrita do Crioulo) de base fonológico e etimológico. Contudo, mais de dez anos já se passaram e não há uma legislação acerca da escrita do crioulo, embora todos os que pretendem escrever em crioulo utilizem esta última proposta.

Só a oficialização do crioulo pode atribuir-lhe o lugar que lhe pertence, bem como a sua entrada no ensino, não só como objecto de um programa, mas também como língua de ensino.

CAPÍTULO III

3.1. O Léxico

3.2. Definição do Léxico

O léxico de uma língua pode significar o dicionário da mesma em dois sentidos de conjunto de palavras que dela fazem parte e a inventariação destas: a competência lexical do falante nativo dessa língua, e na perspectiva resultante da função representativa da linguagem, o conjunto das unidades léxicas (as que representam a realidade extralinguística) de uma língua. Primeiramente, o léxico identifica-se com o conjunto de unidades básicas (morfemas, palavras e locuções) próprias de uma língua, que se encontram listadas por ordem alfabética num dicionário e subordinados ao lexema – unidade linguística que as representa metalinguisticamente, no caso das palavras flexionadas, (palavras semântica) e incluem informações fonéticas ou fonológicas, morfológicas e sintático-semânticas.⁵⁸

Isto significa que o léxico de uma língua se identifica com a noção do seu dicionário e a inventariação dicionarística das entradas léxicas, é o conjunto de morfemas de uma língua (*lexicon*, segundo Bloonfield), ou o conjunto de palavras da língua. Esta definição pressupõe o conhecimento prévio da gramática da língua e considera o léxico, um conjunto irregular de entradas lexicais. Como competência lexical, o léxico representa um sistema de possibilidades no falante ideal que abrangem as palavras reais (as já existentes na língua) priorizadas pela norma e as palavras possíveis (baseando nas regras de formação de).

⁵⁸ VILELA, Mário. *Estruturas Léxicas do Português*, Coimbra, Livraria Almedina, 1979.

Tendo em conta a função representativa da linguagem, o léxico define-se como o conjunto das unidades léxicas que representam a realidade extralinguística, a totalidade dos lexemas, é o conjunto das palavras lexemáticas que configuram e representam imediatamente a realidade extralinguística (*mai, pai, casa, skola, caru*, etc.). Assim sendo, exclui as palavras categoremáticas que representam apenas a forma de configuração da realidade ou categoremas (os deícticos: *kel-li, kel-la, li, la*) e as morfemáticas ou morfemas que não representam directamente a realidade, apenas estabelecem relações de unidades da língua e outras unidades (*o, y, sin, pa*, etc.). Neste caso, apenas os lexemas pertencem ao léxico, o léxico significa apenas o conjunto das palavras lexemáticas.

Lewandowsky⁵⁹ tem uma definição que muito se aproxima desta que acabamos de apresentar, de acordo com Vilela. Para ele, o léxico é a parte da língua que representa a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico de uma comunidade (eventos, acontecimentos, crenças, etc.), tudo tem um nome na língua, e esta palavra pertence ao léxico da mesma. Este é o dicionário ideal da língua, a totalidade das palavras que a ela pertencem, o conjunto dos saberes linguísticos que os falantes de uma comunidade linguística possuem sobre as propriedades lexicais (fonéticas, fonológicas, gráficas, sintácticas e semânticas) das palavras.

Para Ingar Rosengren⁶⁰, o léxico não é um conjunto delimitado de lexemas ou morfemas, mas uma série de léxicos específicos (que dizem respeito a uma determinada área ou campo lexical, como por exemplo os léxicos específicos da ciência, técnica, economia, medicina, etc.) dispostos em volta de um núcleo comum.

Neste caso, nenhum falante ideal pode dispor de todos os léxicos específicos da sua língua, embora tenha a possibilidade de dominar, parcialmente, vários.

⁵⁹ LEWANDOWSKY, Theodor. *Dicionário de Linguística*, Madrid, Cátedra, 1982.

⁶⁰ ROSENGREN, Ingar. *O Léxico Fundamental como Problema Teórico e Prático* in *Problemas da Lexicologia e Lexicografia*, Barcelos, Livraria Civilização Editora, Janeiro de 1979.

Na gramática Transformacional Generativa, o léxico define-se como o conjunto de entradas lexicais que correspondem à competência lexical do falante de uma língua particular, formando um conjunto de elementos dotados de uma irregularidade essencial e constituindo uma das partes do componente básico da língua.

O léxico compõe-se de uma lista não ordenada de formativos (entradas) ou morfemas e por uma série de regras de redundância. Essas entradas constituem-se por um conjunto de traços fonéticos, morfológicos, semânticos, lexicais e sintáticos.

3.3. O Léxico da Língua Caboverdiana

A língua caboverdiana, como já referimos, originou-se num contexto sociolinguístico de contacto entre as línguas, condição indispensável para a formação de qualquer crioulo e pidgin, quer os que já desapareceram, quer os que ainda são utilizados. Foi principalmente nas relações comerciais que se concretizaram a partir do momento em que os europeus deram início à grande expansão cujo principal resultado foi a descoberta de novas terras e formação de novas culturas e línguas.

A necessidade de mão-de-obra que se fez sentir, fez com que os europeus levassem escravos de diversas etnias, cada uma com a sua língua, e desconhecendo a língua do outro, formou-se novas línguas, crioulos e pidgins, a partir do contacto entre as dos colonizadores e as dos colonizados. Os primeiros trouxeram a sua língua que pretendiam impor à dos outros, desta forma surgiu uma situação sociolinguística típica para a emergência de uma língua crioula – um grupo de falantes adultos de várias línguas são obrigados a estabelecerem contactos com uma língua que lhes é estranha, que pertence ao grupo dominante.

Nestas circunstâncias, a *língua dominante, designada por língua de superstrato*, pertencente ao grupo dominante (geralmente, bastante minoritário), que em função do seu

poder, passa a ser adoptada como meio de comunicação verbal pelos falantes do grupo dominado, torna-se a chamada *língua-alvo*. As outras línguas, designadas por línguas de substrato, pertencentes ao grupo dominado (geralmente maioritários em termos numéricos), sofrem modificações em contacto com a dominante, mas exercem também nesta uma certa influência, são chamadas línguas de origem. Na formação da nova língua, a de superstrato fornece a maior parte do vocabulário, por esta razão é designada também por *língua lexificadora*. As de substrato apenas fornecem os modelos para a sua estruturação gramatical.

No caso do caboverdiano, o português funcionou como superstrato e as línguas trazidas pelos povos da costa ocidental africana, o substrato. Sobre esta função dos dois grupos de línguas que acabamos de referir, o filólogo caboverdiano, Baltazar Lopes da Silva, no seu estudo sobre a língua caboverdiana, refere a este facto, afirmando que:

*“...nos crioulos de Cabo Verde o que existe do português é fundamentalmente quase só o léxico: a fonética, a morfologia, a semântica e a sintaxe sofreram desvios e mutilações substanciais, certamente em grande parte de harmonia com o facto da língua ou das línguas dos negros...”*⁶¹

O que significa que das heranças do português, o léxico é a componente que menos sofreu influência das outras línguas, sem querer afirmar que não existem elementos africanos no vocabulário da nova língua, embora em número pouco significante que o mesmo autor assim os considera por não poder atribuir-lhes a origem europeia:

*“...apenas no léxico se nota a ocorrência de vocábulos a que, como disse atrás, atribuo origem africana, na impossibilidade de lhes encontrar étimo português...”*⁶²

Este autor limita a influência do substrato africano ao léxico, e os outros casos de afastamento entre o caboverdiado e o português, são por ele considerados como resultados.

⁶¹ LOPES, Baltazar. *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde*. INCM, Lisboa, 1984.

⁶² DUARTE, Dulce Almada. *Bilinguismo ou Diglossia*. Praia, Spleen Edições

O léxico da língua caboverdiana resulta assim da participação quer do substrato, quer do superstrato, embora cada um com o seu peso. Dulce Duarte¹ refere à importância de vocábulos africanos na formação do crioulo, afirmando que “...do léxico das línguas africanas que, como é normal, deverá ter sido importante no início da constituição do crioulo, apenas resta um punhado de vocábulos.”

Esta autora, além de defender a existência dos elementos africanos na língua caboverdiana, refere ao facto da sua descrioulização que não deixa de tocar a componente léxica da língua, o que se concretiza através do desuso a que os elementos não europeus foram condenados. Este facto constitui uma consequência do afastamento dos falantes do crioulo das suas línguas de origem e o contacto que desde a sua origem permaneceu até hoje com a língua de superstrato, o português. Facto semelhante conduziu à descrioulização de alguns crioulos, devido à sua aproximação à língua de superstrato.

O léxico da língua caboverdiana, após a sua constituição, através de elementos europeus e africanos, não deixou de se evoluir, obedecendo ao dinamismo das línguas e sendo a componente mais vulnerável da língua, a que está mais sujeita a mudanças, ao enriquecimento, pela via de entrada de novos vocábulos e desuso de outras.

Mantendo desde sempre uma relação próxima com o português, houve e ainda há uma tendência em aproximar o crioulo de Cabo Verde da sua língua de superstrato, o que se intensificou com o desenvolvimento do ensino no arquipélago, principalmente a partir do século XX. Uma das formas como se realiza esta aproximação (descrioulização, segundo Dulce Duarte)⁶³, como referimos atrás, é através da substituição de vocábulos de origem africana pelos respectivos correspondentes portugueses. Após ter apresentado uma série de exemplos de palavras de origem africanas que estão em vias de entrarem em desuso, ela acrescenta que “...pode-se ver que a substituição de vocábulos tradicionais do crioulo caboverdiano por termos do português actual não apenas empobrece o crioulo como ainda lhe faz perder a sua identidade.”³

⁶³ DUARTE, Dulce Almada. *Bilinguismo ou Diglossia*. Praia, Spleen Edições

No entanto, o contacto do caboverdiano com o português não resulta apenas no seu empobrecimento, já que a entrada de vocábulos numa língua constitui uma forma de se enriquecer o seu léxico.

Este contacto não se estabelece apenas com o português, estende-se também a outras línguas, dentre as quais se destacam o francês e o inglês. Por exemplo frases como “*Bu sta fine*” que corresponde em inglês à frase “*Are you fine*” não é estranha a um falante da variante de Santiago (do crioulo caboverdiano), assim como ouvir, numa resposta afirmativa, a substituição de “*sin*” por “*íá*” (do americano “*yeah*”).

Ao longo de mais de quinhentos anos que se passaram após a sua formação, o léxico da língua caboverdiana, evoluiu através da perda de palavras e do enriquecimento que se deveu ao contacto estabelecido com outras línguas, quer interno quer externo através de falantes emigrantes. Sobre este enriquecimento, falaremos nos próximos capítulos onde tentaremos focar os seus aspectos mais destacáveis.

3.4. Enriquecimento do Léxico

O léxico de qualquer língua é o seu subsistema mais dinâmico, a parte mais afectada pelas novidades, nele se reflecte todas as mudanças ou inovações que ocorrem na sociedade onde a esta língua é utilizada. São três as possibilidades que tem para se adaptar às novas realidades: câmbios semânticos, empréstimos e formação de palavras a partir de outras já existentes na língua.⁶⁴

Segundo Victória Fronklin⁶⁵, podem juntar-se novas palavras ao léxico de uma língua através de processos derivacionais e de muitas outras maneiras: umas criadas para designar as novas realidades, outras a partir de palavras já existentes na língua. Todos esses processos concorrem para um mesmo fim – o enriquecimento do léxico.

⁶⁴ VILELA, Mário. *Estudos da Lexicologia do Português*, Coimbra, Livraria Almedina, 1994.

⁶⁵ FRONKLIN, Victória, RODMAN, Robert. *Introdução à Linguagem*, Coimbra, Livraria Almedina, 1993.

A formação de palavras é um processo muito importante para qualquer língua, quer na formação do seu léxico, quer no seu enriquecimento, procurando unidades de formação no próprio léxico, motivada pelas transformações sociais, criação de novas realidades que obrigam a língua a uma flexibilização permanente para se adaptar às inovações. A sua concretização faz-se através da derivação, composição, conversão e encurtamento (Vilela, 1994).

Por derivação entende-se a formação de um novo vocábulo através do acrescentamento de um afixo a uma palavra já existente na língua, palavra primitiva, (em cuja formação não participou nenhuma outra palavra), *conservando o mesmo radical primitivo e mantendo com este uma relação aproximada de sentido*.⁶⁶ A derivação classifica-se por: prefixal – quando na formação do novo vocábulo, o afixo antepõe-se à palavra primitiva; sufixal – em que o afixo aparece colocado depois da palavra primitiva; e parassintética – participação de dois afixos na formação de um vocábulo, um prefixo, colocado antes e um sufixo, colocado depois da palavra primitiva.

A composição diferencia-se da derivação, principalmente pelo facto de se realizar através da união de dois ou mais radicais, (sem se recorrer a qualquer afixo), que perdem o seu sentido primitivo, originando um novo sentido para a nova palavra. São duas as formas de composição:

- Composição por justaposição – união de dois ou mais radicais na formação de uma nova palavra, sem que esses elementos sofram quaisquer tipos de alterações na sua forma original;
- Composição por aglutinação – em que pelo menos um dos radicais utilizados perde algo da sua forma original, principalmente o acento tónico que passa a ser um só, e a afectação da integridade silábica.

A conversão (ou derivação imprópria) é uma espécie de processo de formação de palavras que implica a mudança de categoria gramatical de uma palavra sem que ela sofra

⁶⁶ VEIGA, Manuel. *Op. cit.*

qualquer alteração na sua forma (Kastovsky, 1982). Em português, por exemplo, não é estranho a utilização de um substantivo com função de um adjetivo ou vice-versa.

Entende-se por encurtamento a formação de um novo vocábulo através da redução ou perda de alguns elementos. As siglas, acrónimos e entruncamento são formas de encurtamento de palavras.

Até aqui referimos aos processos de enriquecimentos intrínsecos a uma determinada língua, formação de elementos novos através do recurso a elementos pré-existent na língua. Fizemos referência também ao enriquecimento do léxico através da importação de palavras de uma outra língua, facto que se verifica nas interferências⁶⁷ que surgem a partir do contacto entre duas ou mais línguas em que elementos de uma delas pode se integrar no léxico da outra.

Quando se sente pretende enriquecer uma certa área vocabular, como a da técnica, científica, comercial, etc., devido à necessidade de denominar novas realidades, produtos, máquinas, recorre-se ao estrangeirismo.⁶⁸ A descoberta científica e os produtos técnicos que frequentemente aparecem nos mercados, implicam a existência de denominações, e quando do léxico da língua não faz parte qualquer vocábulo capaz de desempenhar essa função, os falantes recorrem a uma língua estrangeira, introduzindo uma nova palavra na sua língua, através da importação de um elemento estrangeiro.

Assim, o estrangeirismo é entendido, segundo Jota⁶⁹, por palavras ou expressões estrangeiras, usadas, sem serem integradas numa outra língua. Tradicionalmente, o estrangeirismo distingue-se pela sua entrada na língua, sem sofrer qualquer modificação, fonética, fonológica, semântica, etc. do empréstimo, definido por Gleason⁷⁰ como importação de um elemento linguístico de uma língua pelos falantes de uma outra. Os vocábulos estão sujeitos a transformações, facto indispensável para a sua adequação aos

⁶⁷ Não é nosso propósito simplificar o conceito de interferência, equiparando-o ao de empréstimo.

⁶⁸ MEDINA, Daniel in Terminologia dos Mass Média. Universidade Nova de Lisboa, 2003

⁶⁹ JOTA, Zélio. Dicionário de Linguística, 2ª Edição, Rio de Janeiro, Presença, 1981.

⁷⁰ GLEASON JR, H. A. Introdução à Linguística Descritiva, 2ª Edição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1961.

padrões fonológicos ou morfológicos da língua e a consequente integração no sistema da mesma.

Há situações em que, ou porque os falantes não encontram, nem mesmo recorrendo aos elementos estrangeiros, um vocábulo para designar uma nova realidade, ou pela dificuldade de utilização de um elemento estrangeiro, recorrem à criação de novos vocábulos – neologismos, o qual se entende por palavras ou expressões de criação recente, formadas com recursos a elementos da própria língua, através de diversos processos de formação.

Além dos processos de formação já referidos pode-se ainda considerar as seguintes formas de enriquecer o léxico:

- O câmbio semântico (ou extensão) que corresponde ao facto de muitas palavras poderem expandir o seu significado, adquirindo outros que se aproximam do seu primeiro sentido;
- Formação regressiva, a possibilidade de formar vocábulos a partir de uma palavra já existente na língua, mediante a subtracção de um afixo ou desinência, ou ainda, através de uma ligeira mudança na forma da palavra.

3.5. Enriquecimento do Léxico da Língua Caboverdiana (Variante de Santiago)

A partir deste momento, a nossa referência à língua caboverdiana tem a ver principalmente com a variante de Santiago, ou seja, neste o nosso propósito não vai além do enriquecimento do léxico utilizado pelos falantes desta variante.

Como qualquer outra língua, a nossa também não foge ao carácter dinâmico que afecta todas as línguas. A sua evolução ao longo do tempo torna incontestável esta nossa posição. O léxico, que referimos como sendo o elemento da língua mais sujeito a mudanças, o mais apto a acompanhar as transformações, inovações, a evolução da sociedade, permitindo que a língua se adeque às novidades, está em constante

transformações, adquirindo novos vocábulos ao mesmo tempo que perde outros que os falantes vão substituindo por outros de acordo com a sua conveniência.

A partir daqui vamos demonstrar a forma como processa o enriquecimento lexical da língua caboverdiana, sem a pretensão de esgotar este assunto, frisando os principais processos que concorrem para esse fim. Recolhemos uma lista de quase três centenas de palavras que vamos anexar na parte final deste trabalho, (com a indicação do respectivo processo de formação), cuja análise nos permitiu determinar quais os processos mais importantes no enriquecimento da nossa língua materna.

Veiga contemplou, na *Introdução à Gramática* (Veiga, 1995), os dois processos, intrínsecos à língua, mais importantes na formação de palavras: a composição e a derivação. Porém, sendo o nosso objecto de estudo o enriquecimento lexical, não vamos nos limitar a estes dois processos, tendo em conta que, na nossa análise, encontramos palavras que não pudemos integrar no grupo dos compostos ou no dos derivados, como por exemplo, os vocábulos importados de línguas estrangeiras.

Das palavras que recolhemos, verificámos que uma grande parte se formou através da derivação e composição. Vamos começar por falar do primeiro processo que ocupa um lugar significativo na formação de palavras.

A Derivação

A derivação, como atrás referimos é entendido por um processo de formação de palavras baseado na junção de um afixo a uma palavra primitiva: Há três formas de derivação:

1. Derivação por prefixação – que corresponde ao acrescentamento de um afixo a uma palavra primitiva, ocupando esta a posição posterior ao afixo que por isso passa a ser designado por prefixo.

Quadro exemplificativo

Prefixo	Palavra Primitiva	Palavra Derivada e a sua categoria Gramatical	Significado em Português
anti-	axi (verbo)	Antimaxi (nome)	Tempo que precede a manhã
dis-	gadju (nome)	Disgadja (verbo)	Desenrascar/ quebrar o ramo a
	karapati (verbo)	Diskarapati (verbo)	Separar
	laba (verbo)	Dislaba (verbo)	Perder o gosto
	toka (verbo)	Distoka (verbo)	Tirar a touca
n-	bika (nome)	Nbika (verbo)	
	doxi (adjectivo)	Ndoxa (verbo)	Dulcificar
ra-	Bespa (nome)	Rabespa (nome)	Antes da véspera
	monda (verbo)	Ramonda (verbo)	Tornar a mondar
	patxi (verbo)	Rapatxi (verbo)	Acção de descascar o milho para fazer cachupa
Ka-	bali (verbo)	Kabali (adjectivo)	Que não te validade

A partir da análise das palavras que constam no quadro apresentado, podemos verificar que há uma palavra primitiva à qual se adicionou um prefixo que acaba por acrescentar alguma informação ao sentido que a base contém, originando uma nova palavra.

Assim, podemos dizer que cada prefixo é portador de uma ideia (o prefixo *anti-* exprime a ideia de anterioridade; *dis-* exprime uma acção contrária à expressa pela base; *ra-* exprime repetição ou anterioridade; *ka-* exprime uma ideia contrária à expressa pela base da palavra derivada. O prefixo *n-* não parece exprimir uma ou outra ideia, mas une-se a um nome para formar um verbo.

No que concerne à especificação da derivação prefixal na língua caboverdiano, o quadro nos mostra uma grande predominância da verbalização denominal e principalmente deverbal, porque a maior parte das palavras derivadas são verbos e as bases que estão na

sua origem são nomes e verbos. Além desta especificidade, temos ainda a nominalização deverbal, nominalização denominal e verbalização de adjectival.

2. Derivação por sufixação – formação de palavras em que o afixo ocupa o lugar posterior à palavra primitiva, ganhando a designação de sufixo.

Quadro exemplificativo

Prefixo	Palavra Primitiva	Palavra Derivada e a sua categoria Gramatical	Significado em Português
-era	Agu (nome)	Aguadera (nome)	Distribuidora de água nos trabalhos
	Brita (nome)	Britadera (nome)	Fabrica de cascalho
	Batuka (verbo)	Batukadera (nome)	Mulher artista no batuque
	Fina (verbo)	Finadera (nome)	Que canta “finason”
-dor	Badja (verbo)	Badjador (nome)	Que gosta de dançar
	Djobi (verbo)	Djobidor (nome)	Que gosta de ver
-sinhu / -inhu / -inha	Balai (nome)	Balaisinhu (nome)	Pequeno Balaio
	Funku (nome)	Funkinhu (nome)	Casa pequena feita nos campos; moradia dos rabelados
	Sedu (advérbio)	Sedinhu (advérbio)	Bem cedo
	Bentrada (nome)	Bentradinha (nome)	Nome de uma localidade (Sta Catarina)
	Rapariga (nome)	Rapariginha (nome)	Designação dada a uma adolescente
-ésa	Bandidu (adjectivo)	Bandidesa (nome)	Vadiagem
	Grande (adjectivo)	Grandésa (nome)	Fidalguia
-on / -ona	Bariga (nome)	Barigon (nome)	Barriga grande
	Dedu (nome)	Dedon (nome)	Dedo grande
	Kabalu (nome)	Kabalona (nome)	Cavalo grande / grande
	Bodi (nome)	Bodona (adjectivo)	De grande valor
	Bunita (adjectivo)	Bunitona (nome)	Muito bela
-ura	Bebi (verbo)	Bebidura (nome)	Acto de beber
	Diabu (nome)	Diabura (nome)	Delinquência

Enriquecimento do Léxico da Língua Caboverdiana

	Sabi (adjectivo)	Sabura (nome)	Maravilha
-entu	Rabolisu (nome)	Rabolisentu (adjectivo)	Que faz barulho
	Paródia (nome)	Parodientu (adjectivo)	Que gosta de festas
-udu	Biku (nome)	Bikudu (adjectivo)	Que tem umbigo grande
	Buska (verbo)	Buskarudu (adjectivo)	Que gosta de arranjar sarilhos
-aria	Bidjaku (adjectivo)	Bidjakaria (nome)	Aldrabice
-isa	Brabu (adjectivo)	Brabisa (nome)	Selvajaria
	Kabra (adjectivo)	Kabrisa (nome)	Atrevimento
-eza	Buru (nome)	Bureza (nome)	Tolice / em grande quantidade
-indadi	Buru (nome)	Burindadi (nome)	Tolice / Malcriadez
	Bali (verbo)	Kabalindadi (nome)	Delinquência
-adu	Filingi (nome)	Filingadu (nome)	Inspirado
	tirsidja(verbo)	Tirsidjadu (nome)	Maltratado
-ida	Djagasi (verbo)	Djagasida (nome)	Prato tradicional da ilha do fogo
	Sukundi (verbo)	Sukundida (nome)	Acto de esconder
-eru	Faronpa (verbo)	Faronperu (adjectivo)	Fanfarronice
	Fita (nome)	Fiteru (adjectivo)	Que tem fidalguice
	Gata (nome)	Gateru (adjectivo)	Que embriaga frequentemente
	lanseta	Lanseteru (nome)	Nomo usado para designar um tipo de peixe portador de uma lanceta
-ozu / ós	Rafia (verbo)	Rafiozu (adjectivo)	Que faz tudo para tomar parte em eventos
	Parti (nome)	Partiozu (adjectivo)	Brincalhão
	Skérda (nome)	Skerdós (adjectivo)	Canhoto
-son	Rapika (verbo)	Rapikason (nome)	Tocar repetida e rapidamente
	Ozerba (verbo)	Ozerbason (nome)	Acto de escutar
-ista	Repa (verbo)	Repista (nome)	Cantor de rap
-aria	Salbaxu (adjectivo)	Salbaxaria (nome)	Delinquência
-ntia	Sirbi (verbo)	Sirbintia (nome)	Valor

-énsa	Skodji (verbo)	Skodjensa (nome)	Discriminação
-basku	Tolo (adjectivo)	Tolobasku	Muito tolo
-ada	Mo (nome)	Mozada (nome)	Porção que cabe nas mãos
	Po (nome)	Posada (nome)	Acto de bater com pau
-ita	Odju (nome)	Odjita (nome)	Nome popular de um tipo de peixe
-eta	Padja (nome)	Padjeta (nome)	Ervas de pequenas dimensões
-egal	Pedra (nome)	Pedregal (nome)	Espaço cheio de pedras
-anti	Rábida (verbo)	Rabidanti (nome)	Vendedeira
-mentu	Korta (verbo)	Kortamentu (nome)	Sensação estranha que se sente na barriga
-idu	Kuspi (verbo)	Kuspidu (adjectivo)	Que se cuspiu
-eda	Manxi (verbo)	Manxeda (nome)	Comida do dia anterior

Baseando nos exemplos de sufixação apresentados no quadro supra, podemos ver que, as palavras derivadas por sufixação, na língua caboverdiana, são em número muito maior do que as que se formam por prefixação, tendo em conta que a maior parte dos afijos ocupam a posição posterior à palavra primitiva, na formação de um novo vocábulo, ou seja, são sufixos com função idêntica à que frisamos ao falarmos dos prefixos. Cada um suporta uma determinada ideia, o que faz com que a palavra derivada tenha um significado próprio, embora relacionado com a primitiva: o sufixo *-inhu* serve para formar diminutivos; *-dor* forma uma palavra para designar o agente que pratica a acção expressa pela base ou radical; *-ésa*, *-ura*, *-entu*, *-ada*, *-ensa*, *-aria*, *-indadi*, *-isa*, *-éza* exprimem o acto de praticar a acção expressa pela base que seleccionam; *-on* / *-óna*, servem para formar o grau aumentativo dos nomes e o superlativo absoluto nos adjectivos; *-udu* forma adjectivos com significados mais intensivos relativamente à base; *-adu* e *-idu* servem para formar o participio passado; *-eta* e *-ita* seleccionam nomes para formar o seu diminutivo; *-basku*, um afixo que encontramos apenas em **um** adjectivo, com a função de o superlativizar; *-ozu* / *-ós* (variação) selecciona uma base verbal para formar adjectivos; *-eda*, *-anti* e *-egal* seleccionam bases verbais para originarem um nome.

Quanto à especificação desta forma de derivação, podemos dizer que o processo se torna mais diversificado, porque como se pode constatar no quadro apresentado, a maior parte das palavras passam pelo processo de nominalização de adjectival e, principalmente de verbal, onde os nomes na maior parte de sufixos selecciona como base um tema verbal para formarem um nome. A adjectivalização de verbal e denominal ganham um maior espaço. Além disso, o quadro salienta a inexistência da verbalização na derivação por sufixação.

Das palavras que recolhemos, verificámos que uma grande parte se formou através da derivação e composição. Vamos começar por falar do primeiro processo que ocupa um lugar significativo na formação de palavras.

3. Derivação parassintética corresponde ao processo de derivação de uma palavra nova com a participação de dois afixos, um prefixo e um sufixo. Ao radical juntam-se em simultâneo os dois elementos.

Quadro exemplificativo

Prefixo	Palavra Primitiva	Sufixo	Palavra Derivada e a sua categoria Gramatical	Significado em Português
Dis-	laba	-adu	Dislabadu	Sem o gosto próprio
	filínga		Disfilíngadu	Sem inspiração
	basta		Disbastadu	Insaciável

Esta forma de derivação, na língua caboverdiana, não é muito produtivo ou pelo menos como a prefixação e a sufixação. Do nosso corpus só constam os **três** vocábulos apresentados. Os afixos que participam na formação dessas palavras constam dos quadros anteriores e exprimem as mesmas ideias.

A adjectivalização de verbal é, neste caso, a única especificação desta forma de derivação, as três palavras são adjectivos formados a partir de verbos.

Ao referirmos a estas formas de derivação, considerámos um corpus que não incluiu muitos vocábulos que podem ser considerados derivados na língua caboverdiana. É o caso das palavras “*pensamentu*”, “*infilis*”, “*filismenti*”, “*rafazi*”, “*inposível*”, *etc.* formados respectivamente a partir da união de *pensa* + *mentu*, *in* + *filis*, *filis* + *menti*, *ra* + *fazi* e *in* + *posível*, que a nosso ver não se formaram na língua caboverdiana, isto é, foram ganhas da língua de superstrato (o português) já formadas e apenas passaram por um processo de decalque fonológico para melhor se adaptarem ao sistema linguístico.

Ainda acerca da derivação, podemos apresentar mais duas especificações, a derivação imprópria e a regressiva que apresentam características próprias deferindo dos que já referimos:

1. Derivação imprópria, também designada por conversão que consiste na obtenção de um vocábulo a partir de outra já existente, sem que haja qualquer alteração na sua forma, ou seja, a palavra primitiva conserva a sua integridade. O que difere a nova palavra da que lhe deu origem é a categoria gramatical.

No exemplo seguinte, a palavra *djanta* ocorre em contextos diferentes, salientando esta forma de derivação:

A – *Gosi ki N djanta.*

C – *Dos amigu ka ta luta*

B – *Kel djanta staba divirtidu!*

D – *Luta e ka divirtimentu*

Na primeira frase, o vocábulo *djanta* aparece como um verbo, é o núcleo do predicado. No entanto, na segunda tem uma função sintáctica diferente, é um nome sujeito. O mesmo acontece com a palavra *luta* que na frase C é um verbo, e, na frase D, um nome. É uma forma de enriquecimento cuja identificação depende de contextos ou frases.

2. Derivação Regressiva – processo contrário à afixação em que em vez do acrescentamento de um afixo a uma palavra primitiva, esta sofre uma redução na sua forma. É o processo pelo qual se formam muitos nomes a partir de verbos. Na língua

caboverdiana, este processo ganha um traço específico, não se dá propriamente a redução, o verbo apenas sofre uma ligeira alteração.

Verbos	Nomes
Kunpra	Kónpra
Munda	Mónda
Bendi	Bénda
Troka	Troku
Korta	Kórta
Piska	Péska

Os nomes supra tiveram origem a partir de uma ligeira alteração que os verbos que estão na sua origem sofreram, principalmente no que tange à acentuação, os nomes têm um acento mais forte, a vogal tónica torna-se mais aberta do que a do verbo – é a derivação regressiva.

A Composição

Um outro processo muito importante para a formação de vocábulos na língua caboverdiana é a composição que consiste em formar uma palavra a partir de duas ou mais palavras. O conceito da nova palavra difere do dos seus constituintes, e muitas vezes tem um conceito dissociado do dos seus elementos constituintes.

Palavras (constituintes)	Palavra composta		Significado em Português
	Por Justificação	Por Aglutinação	
Boa + Entrada		Bentrada	
Djagi + djagi	Djagi-djagi		Nome de uma planta
Djunta + mó	Djunta-mó		Ajuda mútua
Feti + feti	Feti-feti		Esfregar
Fuska + fuska	Fuska-fuska		Lusco-fusco

Futi + futi	Futi-futi		Esforçar-se para vencer uma dificuldade
Ilha + di + Brava		Djabraba	Ilha de Brava
Ilha + di + Maio		Djarmai	Ilha de Maio
Kre + txeu		Kretxeu	Namorado (a)
Labi + labi	Labi-labi		Chafurdar
Lém + katxor	Lém-katxor		Nome de uma localidade
Mal + lobadu	Mal-lobadu		Que não se conforma
Oredja + ratu	Oredja-ratu		Nome de uma planta
Pé + di + banana	Pé-di-banana		bananeira
Pé + di + buru	Pé-di-buru		Delinquência
Pé + di + tanbarina	Pé-di-tanbarina		Tamarindeiro
Ponta + rotxa		Pontarotxa	Assomada
Rostu + runhu	Rostu-runhu		Nome popular de novo modelo de Hyace
Rubera + das + pratas	Ruber-das-prata		Ribeira das Pratas
San + djon		Sandjon	São João
Santa + Katrina		Santakatrina	Santa Catarina
Santu + Amaru		Santamaru	Santo Amaro
Santu + Antoni		Santantoni	Santo António
Sinhor + di + Mundu		Siordumundu	Senhor do Mundo
Txapu + txapu	Txapu-txapu		Son que imita o gotejar

Como se pode constatar a partir do quadro dos exemplos, temos dois grupos de palavras compostas que se diferem umas das outras, no que tange à forma de composição, ou seja, não obstante todas serem palavras compostas, há que especificar este processo. Assim podemos ter:

1. Composição por Justaposição

Forma de composição em que os elementos da palavra composta aparecem simplesmente justapostas, sem que se altere a sua forma, ou seja, conserva a sua integridade. Por exemplo, o vocábulo *pé-di- tanbarina* em que os três constituintes que participaram na sua formação, mantiveram a sua forma original. Esta e as outras apresentadas na coluna das palavras justapostas salientam as características desta forma de composição – união de duas palavras e conservação da sua forma original. As palavras formadas têm um conceito dissociado do dos seus constituintes. Por exemplo, *Txan-di-Tanki* é nome de uma localidade do concelho de Santa Catarina, e formou-se a partir da união de *Txan* (que significa uma extensão de terreno) e *Tanki* (depósito de água), através da preposição *di* (de).

2. Composição por Aglutinação

A Aglutinação é entendida, por Saussure⁷¹, por união de dois ou mais termos originariamente distintos mas que frequentemente se encontram em sintagmas no seio da frase. Os dois elementos sintetizam-se numa unidade nova, unificando o acento tónico e modificando alguns elementos fonéticos. Ao contrário da justaposição, esta forma de composição caracteriza-se principalmente pela alteração que os constituintes da palavra composta sofrem na sua forma.

Os vocábulos *djarmai*, *Santantoni*, *Siordumundu*, *bentrada*, *kretxeu*, etc. são exemplos ilustrativos da composição por aglutinação, palavras que têm na origem mais de um constituinte que se aglutinaram para originar novos vocábulos, em cuja formação verificaram-se três factos importantes: a união de duas ou mais palavras, a unificação do acento tónico e a alteração fonética. Quanto ao sentido, podemos ver que cada uma delas

⁷¹ SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 8ª Edição, Lisboa, D. Quixote, 1999.

difere dos seus constituintes por apresentarem um sentido diferente, embora com eles relacionado.

Relativamente à língua caboverdiana (variante de Santiago), o linguista caboverdiano Manuel Veiga⁷² defende a existência de mais uma forma de composição (que para nós não é nada mais do que uma espécie de justaposição), a composição “*por repetição de uma mesma unidade*” em que cada elemento conserva a sua integridade. No entanto, eles podem não ter existência autónoma na língua. É o caso dos vocábulos *feti-feti*, *boka-boka*, *fuska-fuska*, *bran-bran*, *txapu-txapu*, entre outros, que se criaram a partir da repetição de uma palavra ou elemento.

Há outros processos que os falantes de uma língua utilizam para formar novos vocábulos, além dos que já referimos até aqui. É o caso de truncamento, siglas e acrónimos que, segundo Luísa Azuaga⁷³ são recursos para a criação de palavras, mas não são processos regulares como os outros pelo facto de haver impossibilidade de estabelecer um processo analógico que se deve utilizar na formação dessas palavras, ou seja, não se pode prever as condições em que surgem, a forma que tomam, nem o significado que adquirem.

Por truncamento, entende-se a formação de uma palavra através da eliminação de uma sequência final sem alterar o seu sentido e a categoria gramatical.

Vocábulo	Forma abreviada
Mini-aparelhagen	Mini
Ex-pikena	Ex

A sigla ou abreviatura de sequência de palavras corresponde à formação de um vocábulo através das iniciais de um grupo de palavras que podem constituir uma frase,

⁷² VEIGA, Manuel. *Op. cit.*

⁷³ AZOUGA, Luísa. Morfologia, in FARIA, Isabel Hub et ali. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa, Editorial Caminho, 1996.

título ou nome de uma instituição. A acronímia assemelha-se um pouco à sigla, é a criação de uma palavra a partir de uma ou mais letras das palavras que constituem uma frase ou um título. Difere da sigla pela forma como se faz a leitura da nova palavra: a sigla pronuncia-se como uma sequência de letras, a acronímia, como qualquer outra palavra.

Estes processos de criação de palavras são pouco produtivos na língua caboverdiana, há dificuldades em encontrar vocábulos formados a partir deles. Pode ser que os vocábulos que podemos encontrar, cuja formação passou por esses processos, tenham sido importadas do português já formadas e que não tenham origem na língua caboverdiana, porque, no caso das siglas e acrónimos, mesmo em Cabo Verde, essas formam-se em português e são posteriormente utilizadas pelos falantes da nossa língua. É o caso dos nomes de partidos MPD (Movimento Para a Democracia), PAICV (Partido Africano da Independência de Cabo Verde) e das instituições não governamentais como ACRIDES e ADVIC, etc.

Um outro processo interno de formação de palavras também utilizado pelos falantes da língua caboverdiana, é a extensão metafórica – atribuição de uma nova interpretação semântica a uma palavra – que constitui uma forma muito significativa de enriquecimento ou alargamento do léxico de uma língua. Muitas vezes, os falantes generalizam o nome de um produto a todos os outros do mesmo género. Assim, os vocábulos:

Kolgáti (do inglês *colgate*), marca de um tipo de pasta de dente, passou a designar, popularmente, todos os tipos de pastas.

Dodóti, marca de um tipo de fralda descartável, passou a designar todos os tipos de fralda descartável.

Além destes casos podemos ainda considerar palavras como:

Rapariga (menina), designa também concubina.

Brabu, cujo significado equivale a selvagem em português, designa aquele que não é comum, que é muito elegante.

Pizadu (pesado), designa também esperto, conquistador.

Bespa (véspera) designa também um tipo de manifestação religiosa dos *rabelados* e de certas camadas sociais ligadas à religião católica.

Um número significativo de vocábulos da língua caboverdiana entrou sem terem passado por qualquer um desses processos considerados até aqui. Sabemos que, em Cabo Verde, há convivência de várias línguas com a nossa. As línguas estrangeiras como o francês e principalmente o inglês interferem na língua materna do país, através de palavras que esta ganha daquelas. Estamos a referir-nos aos empréstimos e estrangeirismos que correspondem que correspondem à importação de vocábulos de uma língua estrangeira para uma outra língua. Estes processos são muito importantes, não só por alargar uma língua, mas também para a sua actualização, ou seja, contribuem para uma certa evolução da língua, possibilitando a sua adequação às mudanças que ocorrem na sociedade.

Como atrás referimos, sempre que aparece um novo produto, máquina, ou qualquer outra novidade, há a necessidade de haver uma designação para essa realidade, o que faz com que os falantes arranjem uma palavra para cumprir essa função, no caso de o léxico não apresentar qualquer outra. Nesta situação, ou formam uma palavra nova (neologismo) ou recorrem a um vocábulo estrangeiro, o que se faz através do empréstimo ou estrangeirismo.

Vocábulo			Língua de Proveniência	Campo Lexical (Área utilizada)
Estrangeirismos	Empréstimos	Neologismos		
Basket			Inglês	Desporto
	Kaseti		Francês	Música

	Filingi		Inglês	Social
	Boati		Francês	Música
E:mail			Inglês	Informática
	DVD		Inglês	Informática
	Interneti		Inglês	Informática
kilobyte			Inglês	Informática
Kool			Inglês	Social
	zuki		Francês	Música
Line			Inglês	Desporto
Minidisc			Inglês	Música
Power			Inglês	Música
	MP3		Inglês	Música
Penalty			Inglês	Desporto
	Pitsa		Italiano	Gastronomia
		Rostu-runhu		Transporte
		Boka-kruxa		Transporte
Humburger			Inglês	Gastronomia

Os dois processos correspondem à importação de um vocábulo de uma língua à outra. A diferença que existe entre eles é que o estrangeirismo corresponde à adopção do vocábulo sem que haja qualquer mudança na sua forma, ela conserva a sua integridade, continua a ser a mesma que chegou do estrangeiro. Já o empréstimo se caracteriza pela adaptação da palavra estrangeira à nova língua, isto é, a palavra sofre algumas modificações para se integrar no sistema da língua que a adquire.

Quanto ao neologismo, criação de uma nova palavra, como *rostu-runhu*, *boka-kruxa*, etc., nem sempre coincide com a necessidade de designar uma novidade. Por vezes, falantes de uma determinada área social criam uma palavra que passa a ser utilizada por aqueles que de uma forma ou doutra relacionam com os primeiros.

CONCLUSÃO

A língua caboverdiana passou por diversas transformações, ao longo do tempo, principalmente no léxico que sendo a componente mais sensível da língua, em que se verifica a maior parte das mudanças provocadas por factores internos e externos à língua.

As mudanças que se verificam no léxico reflectem-se na entrada de novas palavras ou na sua perda. Assim, o léxico mantém-se num processo de enriquecimento constante, o que resulta do carácter dinâmico da língua e que facilita a sua adaptação às novas situações, a sua actualização perante a sociedade.

O enriquecimento do seu léxico ganha concretização não só através de processos linguísticos comuns à maior parte das línguas, mas também através de formas próprias.

Ao longo deste trabalho, tivemos a oportunidade de verificar que o enriquecimento da nossa língua segue, na maior parte das vezes, os parâmetros da língua portuguesa, traços herdados desta ou por meio do carácter universal das línguas - a derivação e a composição.

O processo de afixação é o mais produtivo dentre todos os outros, ou seja, a maior parte das palavras novas que entram no léxico da língua nacional dos caboverdianos, são formados a partir do acrescentamento de um afixo a uma palavra primitiva, na maior parte das vezes, um sufixo. Como na língua portuguesa, a derivação por sufixação ocupa um lugar significativo na formação de palavras já que a maior parte de palavras que classificámos como derivadas, surgiram a partir da união de um sufixo a uma palavra primitiva.

A composição é um outro processo de formação com bastante participação, principalmente por justaposição – a união de duas ou mais palavras, que se processa não só como noutras línguas, mas também de uma forma original – a repetição de uma mesma

palavra, ou seja, “a palavra une-se a ela mesma”, forma de justaposição própria da variante de Santiago.

No entanto, o léxico não se enriquece apenas por meio de processos internos da língua, há formas de enriquecimento que resultam da convivência com as outras línguas ou da acção dos próprios falantes – a importação de vocábulos de línguas estrangeiras como o inglês e o francês. Assim, além de palavras derivadas e compostas, podemos encontrar outros processos também significativos para a lexificação – o empréstimo e o estrangeirismo que resultam da necessidade de designar uma novidade quando não se pode formar uma palavra com elementos da própria língua ou através do neologismo. Do estrangeiro, as palavras provêm do francês, italiano e, principalmente do inglês.

O léxico da língua caboverdiana não é, assim, um subsistema fechado, mantém-se num processo contínuo de enriquecimento, ganhando cada vez mais palavras, umas formadas através de processos internos de enriquecimento, outras importadas de línguas estrangeiras.

Esta componente da língua cumpre a sua função de contribuir para a actualização da sociedade.

BIBLIOGRAFIA

- ALMADA, Maria Dulce Duarte et ali. *O Primeiro Congresso sobre o Crioulo de Cabo Verde*. Mindelo, 1979.
- ALMADA, Maria Dulce Oliveira. *Cabo Verde. Contribuição para o Estudo do Dialecto Falado no Arquipélago*. J.I.U. Lisboa, 1961.
- AMARAL, Ilídio do. *Santiago de Cabo Verde, A Terra e os Homens*.
- ANDRADE, Elisa Silva. *As Ilhas de Cabo Verde da Descoberta à Independência Nacional*, Paris, L'Harmattan, 1996.
- ANDRADE, Ernesto d' et ali. *Actas do Colóquio sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa*. FLL, Lisboa, 1992.
- Arquivo Histórico Nacional (Praia). *Descobertas Ilhas de Cabo Verde*, AHN – Sépia Paris, 1998.
- AZOUGA, Luísa. Morfologia, in FARIA, Isabel Hub et ali. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa, Editorial Caminho, 1996.
- BICKERTON, Derek. *Lenguas criollas*, in *Lecturas de Lingüística*, Ediciones Cátedra, Madrid, 1989.
- BRUSER, Martin e SANTOS, André dos Reis. *Dicionário do Criolulo da Ilha de Santiago (Cabo Verde)*, 2002.
- CARREIRA, António. *Notícia Corográfica e Cronológica do Bispado de Cabo Verde – de 1784*, ICL, Praia, 1985.
- CARREIRA, António. *O Crioulo de Cabo Verde. Surto e Expansão*. Edição Autor / PEA, Lisboa, 1982.
- CARREIRA, António. *O Crioulo de Cabo Verde. Surto e Expansão*. Edição Autor / PEA, Lisboa, 1982.
- CARVALHO, Inácio. *Introdução à História de Cabo Verde*, in *Descoberta das Ilhas de Cabo Verde*, AHN – Sépia Paris, Praia, 1998.
- CHOMSKY, A. Noam. *Aspects of the Theory of Syntax*, Cambridge, (Mas) M.I.T., 1965.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (5ª Edição). Edição João Sá da Costa, Lisboa 1999.

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Vol I, Academia das Ciências de Lisboa, Editorial Verbo, Braga, 2001.

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Vol II, Academia das Ciências de Lisboa, Editorial Verbo, Braga, 2001.

DURTE, Dulce Almada. *Bilinguismo ou Diglossia*. Praia, Spleen Edições, 1998.

ECO, Umberto. *Como se Faz uma Tese em Ciências Humanas*. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

FARIA, Isabel Hub et ali. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa, Editorial Caminho, 1996.

FERNANDES, Armando Napoleão Rodrigues. *O Dialecto Crioulo, Léxico do Dialecto Crioulo do Arquipélago de Cabo Verde*. Gráfica do Mindelo, S. Vicente – Cabo Verde.

FRONKLIN, Victoria e ROBERT, Rodman. *Introdução à Linguagem*. Almedina, Coimbra, 1993.

FRONKLIN, Victória, RODMAN, Robert. *Introdução à Linguagem*, Coimbra, Livraria Almedina, 1993.

GARMANDI, Juliette. *Introdução à Sociolinguística*. Lisboa, D. Quixote, 1984.

GLEASON JR, H. A. *Introdução à Linguística Descritiva*, 2ª Edição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1961.

História Geral de Cabo Verde, Corpo Documental, vol.I, Instituto de Investigação Científica Tropical e Direcção-geral do Património Cultural, Lisboa, 1998.

JOTA, Zélio. *Dicionário de Linguística*, 2ª Edição, Rio de Janeiro, Presença, 1981.

LEITE de Vasconcelos, *Antroponímia Portuguesa*, Lisboa, 1928.

LEWANDOWSKY, Theodor. *Dicionário de Linguística*, Madrid, Cátedra, 1982.

LOPES, Baltazar. *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde*. INCM, Lisboa, 1984.

LUCCHESI, Dante. *Sistema, Mudança e Linguagem*. Lisboa, Edições Colibri, 1998.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, vol. I-V, (5ª Edição). Livros Horizonte, Lisboa 1995.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, vol. I-III, (2ª Edição). Editorial Confluência e Livros Horizonte, Lisboa 1993.

MEDINA, Daniel.

MIRANDA, José Luís Carneiro, GUSMÃO, Heloísa Rios. *Projectos & Monografias*. Niterói - Brasil, Intertexto, 1999.

NETO, Serafim Silva. *Línguas Crioulas de Base Lexical Portuguesa*. Rio, 1960.

ROSENGREN, Ingar. *O Léxico Fundamental como Problema Teórico e Prático*, in *Problemas da Lexicologia e Lexicografia*, Barcelos, Livraria Civilização Editora, Janeiro de 1979.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 8ª Edição, Lisboa, D. Quixote, 1999.

SEMEDO, José Maria e TURANO, Maria R. *Cabo Verde: O Ritual das Festividades da Tabanka*, Spleen Edições.

VASCONCELOS, Carolina Micaëlis de. *Lições de Filologia Portuguesa*, in *Revista de Portugal* (série Língua Portuguesa), vol. VI, Fevereiro de 1945.

VEIGA, Manuel. *Diskrison Strutural di Lingua Caboverdianu*. ICLD/ Plátano, Lisboa, 1982.

VEIGA, Manuel. *O Crioulo de Cabo Verde. Introdução à Gramática*. ICLD, Praia, 1996.

VILELA, Mário. *Estudos da Lexicologia do Português*. Coimbra, Livraria Almedina, 1994.

XAVIER, Maria Francisca e MATEUS, Maria Helena. *Dicionário de Termos Linguísticos*, Vol I, Edições Cosmos.

XAVIER, Maria Francisca e MATEUS, Maria Helena. *Dicionário de Termos Linguísticos*, Vol II, Edições Cosmos.

ANEXO

Este Anexo contém o corpus em que baseamos para fazermos o nosso estudo. Incluímos aqui, apenas as palavras que entraram na língua através dos processos mais importantes.

Vocábulos	Processos de Enriquecimento da língua							
	Derivação			Composição		Neologismo	Estrangeirismo	Empréstimo
	Por Prefixação	Por Sufixação	Parassintética	Por Justaposição	Por Aglutinação			
Aguada		X						
Aguadera		X						
Antimaxi	X							
Badjador		X						
Baga-baga				X				
Balaisinhu		X						
Ballet							X	
Bandidéa		X						
Bara-lobu				X				
Bara-pó				X				
Barigon		X						
Basket							X	
Bati-papu								X
Batukadera		X						
Bebidura		X						
Bentrada					X			
Bentradinha		X						
Bestóna		X						
Bikéntu		X						
Bikerada		X						
Bikudu		X						
Bodekinhu		X						
Bodeku		X						
Bodinh		X						
Bodjakaria		X						
Bodóna		X						
Bofi-bofi		X						
Boka-boka				X				
Boka-kruxa				X		X		
Boka-patu				X		X		
Boka-sapu				X		X		
Brabisa		X						
Bran-bran-				X				
menhi-menhi				X				
Britadera		X						
Bunitóna		X						
Bureza		X						
Burindadi		X						
Buskarudu		X						
Byte							X	
CD							X	

Enriquecimento do Léxico da Língua Caboverdiana

Chat							X	
kliki								X
klipi								X
CPU								X
Dedon		X						
Diabura		X						
Disbastadu			X					
Discman							X	
Disfilingadu		X						
Disgadja	X							
Diskarapati	X							
Disketi								X
Diskurti	X							
Dislaba	X							
Dislabadu			X					
Dispista	X							
Dispistador			X					
Distoka	X							
Distranca	X							
Djabraba					X			
Djagasida		X						
Djagi-djagi				X				
Djarfogu					X			
Djarmai					X			
Djobidor		X						
djobidura		X						
Djunta-mó			X					
DVD							X	
Ekran								X
E-mail							X	
Faronperu		X						
Fastentura		X						
Filingi								X
Feion		X						
Feíona		X						
Fergadura		X						
Feti-feti				X				
Filinbida					X			
filingadu		X						
Finadera		X						
Finador		X						
Fine							X	
Fitera		X						
Fiteru		X						
Fobadésa		X						
Fobadu		X						
Fon-fon				X				
Fundon		X						
Funk							X	

Enriquecimento do Léxico da Língua Caboverdiana

Funkinhu		x						
Fuska-fuska				x				
Futi-futi				x				
Gateru		x						
Gigabyte							x	
Grandésa		x						
Grandon		x						
Iá								x
Interneti								x
Kabali	x							
Kabalindadi		x						
Kabalinha		x						
Kabalóna		x						
Kabrindadi		x						
Kabrisa		x						
Kabuleru		x						
Kamuginha		x						
Kanelada		x						
Kanelinha		x						
Kanelóna		x						
Karapatida		x						
Karosinhu		x						
Karoson		x						
Kasóna		x						
Katxorindadi		x						
Katxorisa		x						
Kauberdi					x			
Kentura		x						
Kilobyte							x	
Klika								x
Koladera		x						
Komputador								x
Konfusentu		x						
Kool							x	
Korderu		x						
Kortamentu		x						
Kretxeu						x		
Kumidura		x						
Kunfiadésa		x						
Kuspidu		x						
Kuspinhu		x						
Kutelinhu		x						
Labi-labi				x				
Laser							x	
Laseteru		x						
Laskadésa		x						
Ledor		x						
Lén-katxor				x				
Line							x	

Enriquecimento do Léxico da Língua Caboverdiana

Livróna		X						
Mal-lobadu				X				
Mandukada		X						
Manxeda		X						
Mariadu		X						
Divirtimentu		X						
Matinhu		X						
Maton		X						
Matxinhu		X						
Maxinsinhu		X						
Megabyte							X	
Menu							X	
mestedu		X						
Midju-tera				X				
Minidisc							X	
Mokeru		X						
Mondador		X						
Mortindadi		X						
Mozada		X						
Mp3								X
MSN								X
Mufinésa		X						
Nanprésta					X			
Nbika	X							
Nbretxi-nbretxi				X				
Ndoxa	X							
Nhemidera		X						
Nhemidor		X						
Nocentésa		X						
Npara	X							
Noton		X						
Ntola	X							
Ntudjadera		X						
Odjita		X						
Omóna		X						
Oredja-ratu				X				
Oredjinha		X						
Oredjóna		X						
Orentadu		X						
Ozerbador		X						
Ozerbason		X						
Padason		X						
Padja-loru				X				
Padjeta		X						
Pankador		X						
Parodientu		X						
Partiozu		X						
Pati-pati				X				

Enriquecimento do Léxico da Língua Caboverdiana

PC								X
Pé-di-banana				X				
Pé-di-buru				X				
Pé-di-koku				X				
Pé-di-rotxa				X				
Pé-di-tanbarina				X				
Pedra-baru				X				
Pedregal		X						
Penalti								X
Pingu-txuba				X				
Pitsa								X
Pontarotxa					X			
Posada		X						
Power							X	
Rabesindadi		X						
Rabespa	X							
Rabidanti		X						
Rabolicentu		X						
Radjobi	X							
Rafioso		X						
Ramonda	X							
Ramui	X							
Rapariginha		X						
Rapatxi	X							
Rapikason		X						
Ratoka	X							
Ratu								X
Reggae							X	
Repa								X
Repista		X						
Ribonboi					X			
Rinkadura		X						
Rostu-runhu				X		X		
Ruber-da-barka				X				
Ruber-das-prata				X				
Runhésa		X						
Rusgador		X						
Sabidésa		X						
Sabura		X						
Salbaxaria		X						
Sanbunadera		X						
Sandjon					X			
Santakatrina					X			
Santakrus					X			
Santamaru					X			
Santanton					X			
Santantoni					X			

Enriquecimento do Léxico da Língua Caboverdiana

Sedinhu		x						
Short							x	
Siordumundo					x			
Sirbintia		x						
Site							x	
Skania								x
Skerdós		x						
Skodjénsa		x						
Sonflipi					x			
Strubada		x						
Sukundida		x						
Tamanhóna		x						
Telemóvel							x	
Tirsidjadu		x						
Tolobasku		x						
Trás-di-Munti				x				
T-shirt								x
TV								x
Txapi-txapi				x				
Txapu-txapu				x				
Txeka								x
Txiku-pretu				x				
Txoradera		x						
Txorador		x						
Vídeo-klipi								x
Volley							x	
Walkman							x	
Windows							x	
Xuxadera		x						
Zuki								x
Txumuskadu		x						
Xuxinhu		x						
Bandofadu		x						
Badjinhu		x						
Bara lobu				x				
Basofentu		x						
Banka-benka				x				
Baxona		x						
Bikera		x						
Bindinhu		x						
Bikuda		x						
Boion		x						
Bolaxóna		x						
Bolonbolo					x			
Brabésa		x						
Brabéza		x						
bróda								x
Buron		x						
Busudura		x						

Enriquecimento do Léxico da Língua Caboverdiana

Daquianada					X			
Dedinhu		X						
Daninhu		X						
Dentona		X						
Disfla	X							
Diskabresta	X							
Diskalsetadu			X					
Diskontra	X							
Buati								X
Filingadu		X						
Kaseti								X
Diskunfiadu			X					
Dismagadja	X							
Dismaluka	X							
Dispasa	X							
Distendi	X							
Distora	X							
Djardjaridu		X						
Djondjudu		X						
Djuntadu		X						
Fateoteru		X						
Fergon		X						
Fixon kreka				X				
Fodjada		X						
Fritxi-fritxi				X				
Futibol								X
Grandura		X						
Grandon		X						
Grasona		X						
Janelona		X						
Kabesada		X						
Txan-di-tanki				X				
Basketibol								X
Kanbada		X						
Kanpresta					X			
Kansadura		X						
Kaprida		X						
Kauberdi					X			
Katxoron		X						
Koitadésa		X						
Konkistador		X						
Kontentésa		X						
Kunfiadu		X						
Kustumason		X						
Kutilada		X						
Ladridjadu		X						
Lagadjidu		X						
Laskadu		X						
Latxidu		X						

Enriquecimento do Léxico da Língua Caboverdiana

Lenba-lenba				X				
Askamarolenta					X			
Língua di baka				X				
Liviandadi		X						
Malkriadésa		X						
Malkriason		X						
Manel-mangradu				X				
Mokise		X						
Monhongidu		X						
Kalson		X						
Nhordés					X			
Nhamu-nhamu				X				
Falfadu		X						
Piokésa		X						
Piska-piska				X				
Rabentola		X						
Rabo-galu				X				
Rafoga	X							
Ranhadura		X						
Raparigentu		X						
Rapika	X							
Ratxador		X						
Rinkada		X						
Rotxadu		X						
Safardiada		X						
Sanbrás					X			
Sándis								X
Sankaitanu					X			
Skodjentu		X						
Stafadu		X						
Tanboru Finadu				X				
Tamanhésa		X						
Tamanhon		X						
Tamanhasku		X						
Tirsidjadura		X						
Tuntunhidu		X						
Trabesadu		X						
Txapitxapidu		X						
Txipésa		X						
txoradera		X						

Processos		Número total de Vocábulos	Total
Derivação	Por Prefixação	29	
	Por Sufixação	207	
	Parassintética	6	

Composição	Por Justaposição	48	376
	Por Aglutinação	25	
Neologismo		5	
Estrangeirismo		26	
Empréstimo		30	